

# ILUSTRAÇÃO



*Guerin pinx.*

*Museo Luxemburgo del*

*H. Dien sculp.*

## OFERENDA AO DEUS DA MEDICINA

(Quadro de Guerin — Gravura de Dien)

Museu do Luxemburgo

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

**EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O**

## Manual de Medicina Doméstica

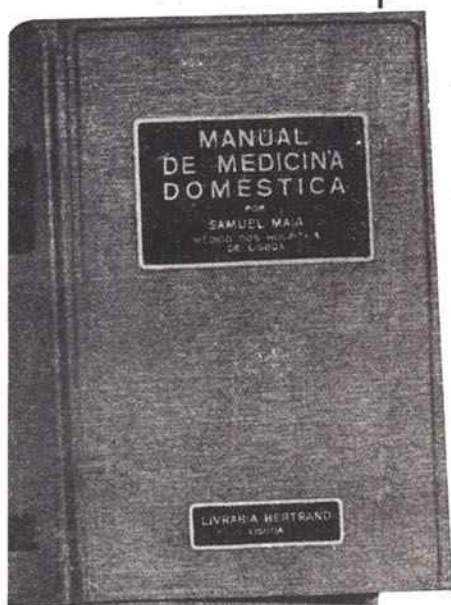
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

**Regra de bem viver para conseguir a longa vida**

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma chavena d'  
**'OVOMALTINE'**

*pela manhã  
dá energias para um  
dia de trabalho  
ao deitar  
assegura um sono  
tranquilo e natural.*

À venda em todas as Farmácias, Drograrias e Mercadorias em 1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

**À VENDA**

o 5.º volume

**CAMÕES LÍRICO**  
(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... 12\$00  
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

ENCONTREI ESTA

**Cera  
Mágica  
de Beleza**



no interior duma flor

Visitando as regiões do Sul da França, onde são fabricados os perfumes, ouvi falar das surpreendentes propriedades de embranquecer a pele, possuídas por uma cera pura e virgem extraída da parte interna duma flor. Um Médico explicou-me que, empregada à noite, antes do deitar, esta substância untuosa, chamada «Cire Aseptine», amolece a camada externa rugosa e escamosa da pele e fá-la soltar-se em finas partículas. De manhã, tirar-se-á lavando a cara, revelando-se assim a nova beleza natural duma pele branca, que se encontrava escondida até então. Os pontos negros, poros dilatados e imperfeições do rosto desapare-

ceram. A Cire Aseptine transformou, tão maravilhosamente, a minha pele escura e salpicada de sar-las numa pele branca, aveludada e dum frescor juvenil que, dora-avante, a emprego também nos ombros, braços e mãos. Realmente, é, para a pele, um banho mágico de beleza muito simples, de emprego fácil e dos mais baratos.

Encontra-se à venda nas perfumarias e boas casas da especialidade. Não a achando, pode escrever ao Depósito Aseptine - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende na volta do correio.



*Um grande sucesso de livraria*

À VENDA A 8.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado,  
com capa a cores e oiro ..... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **13\$50**

*Pedidos aos editores:*

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTÍFICAS  
RESULTANTES DE PROFUNDAS  
INVESTIGAÇÕES**

## Estudos sobre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sobre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.  
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

**SAMUEL MAIA**  
Médico dos hospitais de Lisboa

## O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,  
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

## COLECCÃO P. B. FAMILIAR

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

*Volumes publicados:*

**M. MARYAN**

Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Divida de honra  
Casa de família  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário de uma mulher  
O anjo do lar  
A força do Destino  
Batalhas do Amor  
Uma mulher ideal  
Ilusão perdida

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Benollet e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

*Depositária:*

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.  
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa  
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio  
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por  
uma deminuta importância



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação,  
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA





**Cuidado com o sol..**

Tonturas, abatimento e dores de cabeça no verão, são a consequência da intensa irradiação solar.

A Cafiaspirina traz pronto alívio a esse mal-estar, descongestionando sem atacar o coração de forma alguma.

**Cafiaspirina**  
o produto de confiança!



**À venda**

**AQUILINO RIBEIRO**

# O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.<sup>a</sup> edição de

## NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignês Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Corte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Só or Violante do Céu. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . **12\$50**  
Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

# VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princesas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bartzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata. . . . . **12\$00**  
Pelo correio à cobrança. . . **14\$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**  
**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

## GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

### ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

o **GOTA, a SCIÁTICA**  
**os REUMATISMOS**  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica  
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias  
Produits BÉJEAN - Paris



PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

N.º 282 - 12.º ANO  
16-SETEMBRO-1937

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

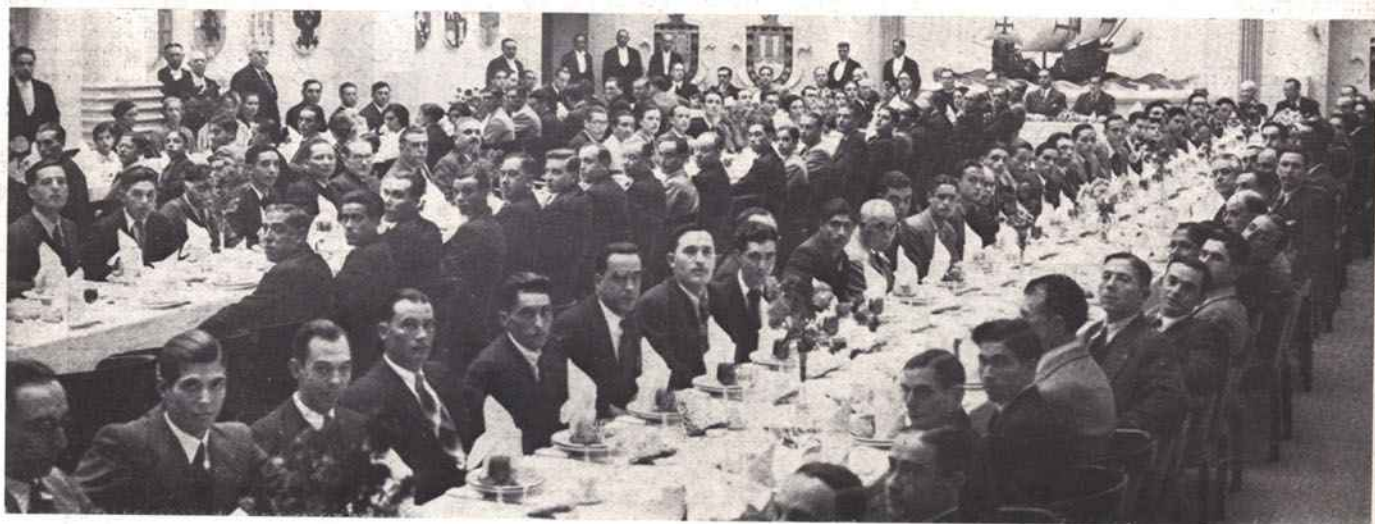
## ASPECTOS DA GUERRA CIVIL EM ESPANHA



Duas vistas que sugerem uma pálida ideia da situação de Madrid. Fortificações que dão a triste impressão de ruínas, luto, devastação, consumpção, cinza... Estas duas fotografias foram tiradas nos arrabaldes da capital espanhola, após um bombardeamento aéreo



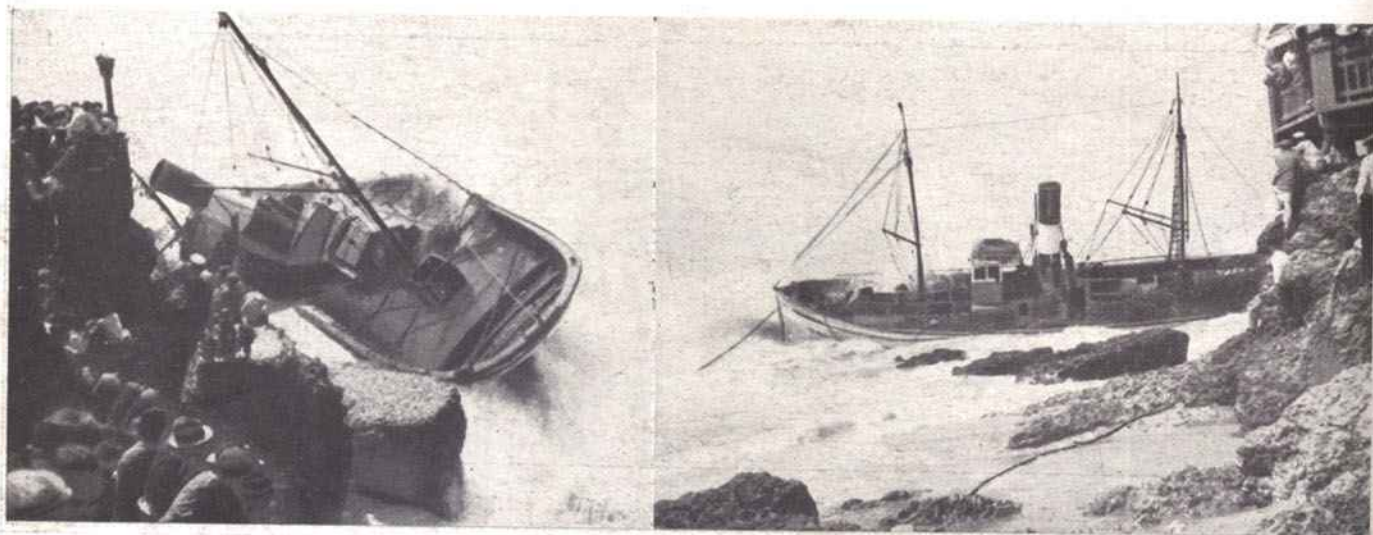
# ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um trecho da assistência ao almoço oferecido pelo sr. ministro das Colónias a todos os que coanoraram na Exposição Histórica da Ocupação que constituiu uma alta e útil lição de história. Ali, lado a lado, na Sala dos Brasões, todos os que contribuíram para o êxito magnífico, se juntaram fraternalmente sem distinções nem prerogativas



Dois aspectos da festa de homenagem à brigada naval da Legião Portuguesa, realizada no Casino de Espinho. Foi uma festa elegante e, sobretudo, altamente patriótica



Na praia da Figueira da Foz naufragou a 'traineira' «Sagres II» que ficou completamente destruída. As duas gravuras que publicamos dão dois aspectos do desastre junto ao forte de Santa Catarina. Ao cabo de inauditos esforços, foi salva toda a tripulação



# A SENHORA DO CABO EM SINTRA



As festas à Senhora do Cabo em Sintra atraíram milhares de forasteiros. As gravuras desta página dão uma ideia da sua imponência. *Em cima, à esquerda:* o Chefe do Estado visitando a feira. — *À direita:* os tradicionais anginhos que o nosso povo não dispensa nestas solenidades

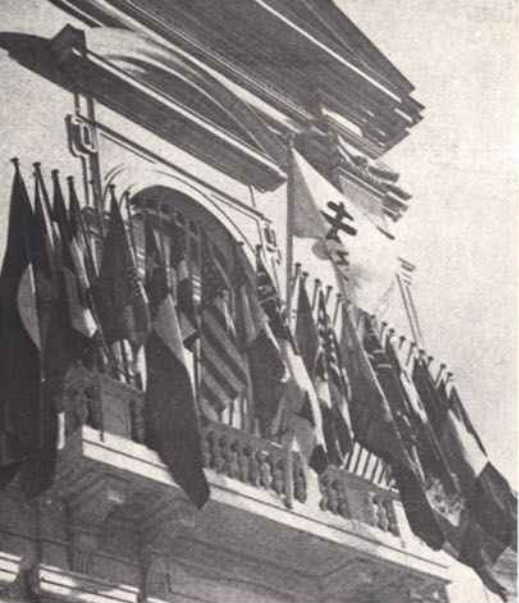


Outro aspecto da procissão que soleniza uma lenda deliciosa do tempo do Mestre de Avis. Um velho de Alcabideche e uma velha de Caparica receberam, em sonho, nessa época de incertezas, a incumbência de peregrinar em busca da Mãe de Deus. No Cabo de Espichel viam-na surgir das ondas montada numa jumentinha. Deixara uma imagem. Das pegas das jumenta tinham ficado sinais num recanto do cabo. — *Outros aspectos:* os juizes levando a bandeira e a entrada da imagem na Igreja





# A X CONFERÊNCIA CONTRA A TUBERCULOSE



A fachada da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se realizou as sessões da X Conferência Internacional contra a Tuberculose, ornamentada com as bandeiras dos países que se fizeram representar. — *À direita*: um aspecto da sessão inaugural no Palácio do Congresso, sob a presidência do Chefe do Estado. O Palácio estava exteriormente iluminado e embandeirado com os pavilhões de todos as nações que se fizeram representar



O sr. Presidente do Conselho lendo o seu discurso em que fez ressaltar estas doudas palavras: «O que mais importa não é que nos ensineis a curar o mal; seria que nos ensinásseis a evitá-lo». — *À direita*: O sr. Presidente da República com os delegados à X Conferência



O sr. presidente da Câmara Municipal com os srs. ministro da Educação Nacional e o dr. Lopo de Carvalho no baile oferecido nos Paços do Concelho aos membros da X Conferência da União Internacional contra a Tuberculose. Pode dizer-se que esta festa, já pela categoria das individualidades que a ela assistiram, já pela animação com que decorreu, constituiu uma magnífica recepção. — *À direita*: A reunião da Comissão Executiva da Conferência



**S**EMPRE que se fala em Torcato Tasso, vem logo à discussão a triste história da sua paixão por Leonor de Este, chegando-se até a denegrir a atitude do magnânimo duque de Ferrara que tão nobremente protegeu o poeta.

Se a vida do autor da *Jerusalem libertada* não tivesse sido contada através duma veladura da lenda, ninguém perderia tempo com ela, embora emoldurada de louros viridentes.

Tasso foi, acima de tudo, um ingrato. Aos benefícios do duque respondeu com insultos de arriero.

Se tanto orgulho tinha no seu talento, porque andou a mendigar as boas graças do potentado, valendo-se dos mais sólidos empenhos?

Tendo escrito aos dezassete anos um poema cavalheiresco que intitulou *Reinaldo*, julgou-se um super-homem, digno das atenções do mundo inteiro. A magnificência da côrte de Ferrara atraía-o. Tanto manobrou que, quatro anos depois, o duque dignou-se recebê-lo, dando-lhe o cargo de gentil-homem do cardinal Luiz de Este, seu irmão.

Não era bem o que o poeta ambicionava. Como o cardinal fôsse encarregado duma missão oficial em França, Tasso acompanhou-o, mau grado seu. Apresentado a Carlos IX, foi alvo das maiores deferências. Mas Torcato Tasso desejava mais, muito mais. Não tardou a manifestar-se tal como era, chegando a ser incorrecto com o cardinal, a quem devia obediência e lealdade. De tal maneira se conduziu, que o cardinal afastou-o da sua intimidade, sem, contudo, provocar escândalo.

Tasso voltou à côrte de Ferrara, onde, apesar de tudo, continuou a gosar dos

mesmos favores que até então lhe tinham dispensado.

Como começaram as infelicidades do Tasso? Por ter amado a irmã do duque, Leonor de Este? É possível que a sua ânsia de se colocar bem na vida o impelisse a levantar os olhos para tão nobre dama, mas a razão da sua

## A ingratidão de Torcato Tasso

expulsão da côrte de Ferrara não foi essa.

Serassi — um dos biógrafos de Torcato Tasso — diz que "em 1575, o poeta fôra a Roma com o fim de aproveitar das indulgências do jubileu papal", e que "esta viagem lhe aumentou as suspeitas de querer o poeta fazer aliança com outra côrte".

Daí os seus infortúnios. Salienta o biógrafo que voltando Tasso a Ferrara, o duque se negara a recebê-lo, seguindo o exemplo do irmão cardinal que não cumprira nenhuma das suas promessas.

Informa também que "Tasso, depois de sofrer por algum tempo as pióres afrontas, caído no desagrado do duque e da princesa, desamparado de amigos, insultado por inimigos, não se conteve mais nos limites da moderação, e desabafou com expressões injuriosas, contra a casa de Este, maldizendo os serviços que lhe prestára, e, bem assim, desdizendo-se dos elogios poéticos aos príncipes e aos magnates, designando-os todos como uma corja de covardes, ingratos e devassos".

"O resultado dêste descomedimento — declara ainda Serassi — foi ser preso o Tasso, e levado ao hospital de

Sant'Ana, onde ficou encerrado, como doido, numa cela".

Esta descrição não é inteiramente verdadeira.

Eis outra variante:

"A causa das infelicidades de Tasso foi a sua enfatuação impertinente. Tinha pensado em explorar a generosidade dos príncipes italianos, cujos antepassados glorificava, e alienou a amizade do duque de Ferrara, adiando sempre a dedicatória que devia fazer do seu

poema. Certo dia, sentiu-se apoderado pelo delírio da perseguição. Em 1577 fugiu, durante a noite, do palácio de Ferrara, e foi refugiar-se em casa da sua irmã, em Sorrento. Tempos depois, mandou pedir ao duque a continuação da sua protecção. O duque, dando largas à sua generosidade, restituiu-lhe os seus antigos aposentos, e admitiu-o novamente à sua mesa. Decorridos meses, Tasso voltou a fugir, levando uma vida de vagabundo através da Itália.

"Por fim, cansado duma tal digressão, regressou a Ferrara no próprio dia em que dava grandes festas no seu palácio por motivo do seu segundo casamento.

"Tasso, sempre enfatuado, entrou no palácio como em casa sua. Mas os cortezãos voltaram-lhe as costas com o mais frio desdém. O poeta tentou falar ao duque, mas êste, farto já de o aturar, não se dignou recebê-lo.

"Foi então que o Tasso injuriou em altos brados a casa de Este e todos os seus moradores, provocando um tal escândalo que o duque, tomando-o por louco, o fez encerrar no hospital de alienados de Sant'Ana.

Quanto aos seus amores com Leonor de Este, nada existiu, pelo menos com o conhecimento desta dama.

A "branca flor de Ferrara", como o poeta lhe chamava nos seus arroubos poéticos, nunca se dignou reconhecer-se na adorada musa que Torcato Tasso fantasiava nos seus mais apaixonados sonetos.

Da sua prisão, o poeta, escrevendo ao seu amigo Scipião Gonzagua, carpia-se nestes termos:

"Eu queria ilustrar e glorificar a minha vida; mas, agora, alquebrado sôb o péso da desgraça, perdi tôda a esperança de conquistar um nome glorioso. O temor duma perpétua prisão aumenta a minha tristeza; redobram-na os ultrages que me fazem sofrer. Estão esquálidas as minhas barbas; cabelos e vestuário tudo em desalinho. Em verdade, se Aquela que tão mal correspondeu ao meu amor me visse em semelhante estado e em tamanha aflicção, teria pena de mim! . . ."

Mas, preguntámos nós, que culpa teria a insensível Leonor de Este em não sentir a mais leve atracção pelo genial autor da *Jerusalem libertada*?

A culpa, no fim de contas, não seria dela, e, mesmo que o fôsse, estaria, como se calcula no seu legítimo direito. "Não se gosta porque se não gosta. . ."



Torcato Tasso na côrte de Ferrara





A pompa e o abutre

ferro e montados em soberbos cavalos da Barbária, quebravam lanças, a fim de proclamarem a rainha do torneio.

Via-as, recostadas em cadeiras de alto espaldar, junto de janelas ogivais, escutando, distraidamente, a suave melodia que um pagem de anelados cabelos extraía do alaúde, esperando que ao longe, na curva da estrada, surgisse o belo cavaleiro de armadura polida que tão bem sabia manejar a lança e cantar o amor!

Quantos projectos de noivado — pensava o viajante — se não teriam urdido dentro daquelas velhas torres! Quantos enlases de paixão se não teriam celebrado naquela vetusta igreja! Quantas existências venturosas não teriam decorrido naquele castelo medieval!

Devaneios, unicamente devaneios, frutos duma imaginação romanesca, e nada mais...

A realidade, de modo algum, correspondia às evocações do viajante. Nenhuma dessas nobres damas de antanho que os cronistas descreviam tão formosas, habitara a sombria mansão, pois o castelo fóra, desde sempre pertença, da comunidade Abingdon. Senhora, só ali vivera uma, e muito mais tarde, quando, extintas por Henrique VIII as ordens religiosas, o domínio passara às mãos dum rico particular, e, a vida dessa desventurada mulher havia sido justamente o contrário duma existência de amor e de felicidade.

Não eram cenas de idílio, mas de tragédia que o castelo de Cumnor devia lembrar. Um nefando crime ali fóra cometido. Aquelas pedras seculares estavam manchadas de sangue...

Já lá vão quatro séculos que a pedra do túmulo se cerrou sobre a vítima, e, contudo, ainda hoje não é sem uma profunda emoção que se evoca a sua breve existência e cruel morte.

Tudo se resume numa história triste, dramática e impressionante.

Na orla da floresta de Exmoor, elevava-se, no reinado de Henrique VIII,



Amy Robsart

## NÉVOAS DO PASSADO

# A espantosa tragédia do Castelo de Cumnor

um castelo que mais parecia pequena fortaleza. Chamava-se éle Lidcote Hall, e pertencia à ilustre família dos Robsart. Foi lá, numa linda manhã de primavera, em que a Natureza inteira parecia entoar um hino de alegria, que Amy Robsart — aquela que um dia tão trágicamente havia de perecer no castelo de Cumnor — veio ao mundo.

Estava-se ainda no tempo em que as mães embalavam os filhos para guerra nos escudos dos pais, de modo que Sir João Robsart, que esperava um varão, para, no futuro, lhe vir a suceder na sua nobre e opulenta Casa, sentiu-se vivamente desapontado com o nascimento da filha.

Mas, quando lhe trouxeram a criança — um pequenino querubim vestido de rendas que ria e chorava ao colo da aia — um sentimento de enlevo e ternura acordou na sua alma e fê-lo esquecer por completo o seu desapontamento.

Tomou a filhinha nos braços, beijou-lhe, comovido, as mósicas côr de rosa, e, a partir dêsse instante, amou, adorou a criança, como adoraria um anjo de assas brancas que tivesse descido do céu para vir habitar o seu lar.

E os anos decorreram, serenos e felizes até o dia em que Lady Robsart, a bela esposa de Sir João, morreu em plena mocidade, deixando ao marido, por única consolação, a pequena Amy.

Sir João amava apaixonadamente a esposa. Quando a morte lhe arrancou dos braços essa gentil fada, o pobre cavaleiro envelheceu vinte anos, e, desde êsse momento, tôdas as suas afeições se concentraram na filha. Decidiu viver para ela, unicamente para ela, não ter outros horizontes que não fôsses os lindos olhos da sua Amy. Depois da criança completar dez anos, resolveu encarregar-se, êle próprio, com a ajuda do pastor, da sua educação, a fim de não confiar a estranhos a tarefa de a habilitar a, um dia, ocupar dignamente, na côrte, o lugar a que a sua nobreza e fortuna lhe davam direito.

A areia doirada foi caindo nas ampuhetas de cristal e as semanas fizeram-se meses e os meses anos. Amy cresceu como uma viçosa flor entre ruínas, no ambiente severo e triste daquele velho castelo, onde nem um móvel, nem um quadro mudara de lugar desde a morte da castelã, e transformou-se numa encantadora rapariga.

O desabrochar dessa radiante mocidade veio, como era natural, desvanecer um pouco a melancolia que pesava sobre a antiga mansão. As gargalhadas de Amy, ecoando, alegremente pelas salas dir-se-ia terem o condão de dissipar a tristeza do ambiente e dar até um aspecto festivo às tapeçarias desbotadas e aos retratos de família enegreci-

dos pelo tempo. Ao silêncio, quasi sepulcral, que outrora ali costumava reinar, sucedeu o constante ruído da música que ela, com os seus meigos dedos, extraía das teclas de marfim da espineta e das cordas do alaúde. O próprio Sir João, cedendo aos seus meigos pedidos, abandonava as suas tristes reflexões e montava a cavalo, para a acompanhar à caça ou nas visitas aos castelos vizinhos.

Todos em Lidcote Hall a adoravam como a uma fadasiinha benfazeja, e Amy, por sua vez, a todos correspondia com um terno affecto. Amava profundamente o pai, o velho pastor e a aia que a criara. Amava também as servas, as crianças, as flores, os animais, enfim, a humanidade inteira. O seu pequenino coração trasbordava de amor...

Os seus educadores deviam-lhe ter dito que o coração é o nosso piór inimigo, que há entes que são verdadeiras feras, que há flores que têm espinhos e que há servos que, por uma moeda de ouro, são capazes de cometer as maiores vilanias.

Mas não o fizeram. Amy cresceu, pura e simples como a uma criança, e converteu-se numa dessas raparigas adoráveis de ingenuidade e candura, quasi sempre condenadas a serem esmagadas na vida.

Amy Robsart tinha desasseis anos, a idade dos sonhos e das ilusões, e, um dia, depois de ter lido na Bíblia o *Cântico dos Cânticos*, principiou a sonhar também com o bem amado que "chega saltando por cima dos montes e atravessando os outeiros... Quando viria Êle acordar na sua alma a doce chama do amor.

Êle — devaneava a inocente rapariga — havia de ser belo, valente, generoso, como êsses paladinos que os poetas de outro tempo celebravam nas canções de gesta... Êle havia de adorá-la tôda a vida de joelhos... Haviam de ser os dois felizes, muito felizes, como os príncipes e as princesas dos contos de fadas...

Quimeras, utopias... Pobre criança ingénua que idealizava o Mundo e a vida através das baladas e dos romances de cavalaria...

Um dia, Sir João levou-a consigo a Londres e realizou-se, enfim, a grande aspiração da existência de Amy — ser apresentada ao rei Eduardo VI.

A aparição, na côrte, da filha de Sir João Robsart, de Lidcote Hall, constituiu um verdadeiro triunfo. Quando ella entrou na sala de recepção, ao lado do pai, linda como um anjo, simplesmente adorável no seu esplêndido traje de setim branco recamado de pérolas do mais puro Oriente, todos se voltaram, e um longo murmúrio de admiração se fez ouvir.

Era, realmente, uma deliciosa visão de graça, mocidade e beleza. Um artista entusiasmara-

-se-ia perante aquele corpo de sílide admirável pela proporção de linhas e suavidade dos contornos, aquela pequenina cabeça coroada por uns magníficos cabelos anelados dum lindo castanho escuro, aquele níveo rosto, duma rara delicadeza de traços e aqueles olhos côr de avêlã, diáfanos, ternos, avelludados em que tôda a pureza angélica da sua alma se reflectia.

Amy, um pouco tímida, como que ofuscada pelo fogo de tantos olhares fixados sobre ella, avançou, a passos lentos, até junto do trono. Fez as suas reverências ao pequeno rei, que a acolheu, graciosamente, com um bom sorriso e algumas palavras gentis.

À direita de Eduardo VI, estava um homem sumptuosamente vestido e coberto de jóias, a quem o próprio rei parecia falar com respeito. Era João Dudley, duque de Northumberland, o omnipotente e temido ministro que governava a Inglaterra a seu bel-prazer.

O olhar do poderoso estadista caiu sobre Amy, e, quando esta se afastou, voltou-se para seu filho, Roberto Dudley, que, desde a entrada da jóvem, tomado duma viva admiração, não desfitara dela a vista, e, segredou-lhe algumas palavras ao ouvido.

Nessa própria noite, depois da recepção, houve uma demorada conferência entre o pai e o filho, e dessa entrevista, chegaram os dois à conclusão de que Amy Robsart, filha única e herdeira do opulento Sir João Robsart, senhor de esplêndido domínio de Lidcote Hall, constitua um partido vantajosíssimo, e que era preciso (não fôsse alguém lembrar-se de os preceder) ir imediatamente pedi-la em casamento ao velho cavaleiro.

Todavia, deve frizar-se, foi de sua livre vontade, encantado não só com os bens, mas com a formosura da jóvem e de modo nenhum constrangido pelo pai, que Dudley o autorizou a formular em seu nome o pedido.

Dias depois, o pretendente era solene-



Roberto Dudley



Amy Robsart, nora do duque de Northumberland

mente apresentado a Amy, e principiava a prestar-lhe as suas homenagens.

E Ela — desgraçada inocente que caminhava de olhos vendados para um abismo terrível — rendeu logo o seu coração a êsse manco, tão belo e sedutor como um príncipe dos contos de fadas, que, primeiro que ninguém, fez soar aos seus ouvidos a perturbadora e inebriante música das palavras de amor...

Sir João acolheu radiante de alegria e orgulho, o pedido de casamento que ia fazer entrar a filha na Casa do poderoso duque de Northumberland e o enlace realizou-se, no meio da maior pompa, na presença do próprio Eduardo VII e de tôda a côrte.

E Amy foi feliz, não talvez como outrora idealizava, abrindo assas à sua pética e sonhadora imaginação de criança, mas duma maneira bem real e bem humana. O casamento, elevando-a quasi ao nível das princesas, trouxe-lhe é certo, distinções e honrarias que não gozava no tempo em que vivia obscura, e simplesmente, em Lidcote Hall. A sua passagem, isto é, á passagem da muito alta, nobre e poderosa Lady Amy Dudley, nora do duque de Northumberland e cunhada da princesa Joana Grey — futura (dizia-se) rainha de Inglaterra, — abriam-se alas e curvavam-se as mais altivas e ilustres frentes. Mas o diamantino coração da filha de Sir João Robsart desprezava o brilho das grandezas, e, por sua vontade, teria abandonado a côrte para ir viver, com o seu adorado marido, uma existência de paz e amor num dos seus castelos, longe daquele ambiente de falsidades e ambições onde tudo o que era puro se pervertia.

Porém, Lord Dudley era, na verdade, mais um estadista do que um marido, e, embora parecesse amá-la ternamente, estimava-a, contudo muito menos — reconhecia-o ella com tristeza — do que a política e á intriga, e de modo algum estaria





A rainha Isabel de Inglaterra

disposto a renunciar ao seu brilhante futuro, para satisfazer os poéticos anelos da esposa.

No íntimo, Lady Amy, pelo muito que amava o marido, reprovava absolutamente as suas desmedidas ambições, pois sabia que a Rocha Tarpeia não ficava longe do Capitólio, mas não ousava contrariá-lo, ou sequer censurá-lo. Não era ele o seu esposo, o seu amo, o seu senhor? O dever duma mulher não era, primeiro que tudo, ser obediente a seu marido, não admirar senão a ele, e, conservando-se no segundo plano, ser-lhe fiel e delicada até à morte? Não dissera o próprio S. Paulo na epístola aos efésios que *as mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja e, bem como a Igreja é sujeita a Cristo, assim o sejam também as mulheres em tudo a seus maridos?*

Contudo, os pressentimentos do coração de Amy não deixaram de se realizar, e, chegou o dia, em que a pobre esposa viu a grandeza dos Dudley despenhada num abismo sangrento e o ferro do carasco prestes a descer sobre a cabeça do adorado marido.

O rei Eduardo VII morrera, deixando a coroa a sua prima Joana Grey, casada com Lord Guildford Dudley, irmão de Roberto, em prejuízo de suas irmãs Maria e Isabel, que haviam sido declaradas ilegítimas durante o reinado anterior, mas uma revolta organizada pela primogênita das princesas excluídas destronou a infeliz rainha que, após um efêmero reinado de oito dias, veio, afinal a morrer no cadafalso, assim como o pai, o marido e o sogro, o dantes tão poderoso duque de Northumberland.

Lord Roberto Dudley e seu irmão Ambrósio foram igualmente conduzidos à prisão da Torre, julgados e condenados à morte. Mas Amy, a terna e dedicada esposa que o Senhor concedera a Roberto, não se deu por vencida perante a sentença. Com energia e força de vontade de que ninguém a julgaria capaz, Lady Dudley enxugou as lágrimas e decidiu empregar os maiores esforços e lutar até à última para fazer revogar o fatal mandato. Durante dias e dias, Amy rojou-se, suplicando, aos pés da cruel rainha Maria Tudor, até que, por fim, conseguiu o perdão do marido.

No entanto, as portas da sombria prisão de Estado não se abriram imediatamente para o filho do duque de Northumberland, e, durante quasi um ano, todos os dias, a pobre Amy dirigia os seus passos para a fortaleza, a fim de ir aliviar um pouco com a sua presença o cativo de Roberto.

Mas, apesar de tôdas estas provas de dedicação e ternura, a imagem da esposa fôra-se, pouco a pouco, desvanecendo no coração do marido. A ambição pervertera por completo a sua índole, já de si ferozmente egoísta, e, ao notar a violenta atracção que exercia sobre a princesa Isabel Tudor, filha de Henrique VIII, e como ele prisioneira na Torre, lamentou não ser ainda solteiro, ou não estar prestes a enfiar, visto que, se assim fosse, poderia aspirar a um enlace principesco.

E, enquanto a mulher corria Londres, diligenciando obter-lhe o completo perdão, cortejava elle Isabel Tudor.

A vida é assim...

O idílio entre a princesa e o jovem lord seguiu o seu curso natural até à data em que a rainha resolveu pôr sucessivamente ambos em liberdade.

A morte não permitiu que Maria Tudor regesse por muito tempo os destinos de Inglaterra e, em 1558, no meio de esplêndidos festejos e aclamações delirantes, a princesa Isabel era aclamada rainha.

A nova soberana não esquecera o seu antigo adorador da Torre. Ao ascender ao trono chamou-o logo para junto de si, e, não obstante proclamar, a todo o momento a sua pureza, não se coíbiu de manter com o belo Dudley as mais íntimas relações.

Com receio de desagradar à sua régia amiga, Roberto proibiu a mulher de aparecer na corte. Um mês depois da coroação, para não despertar ciúmes a Isabel, ordenou-lhe num tom que não admitia réplica, que se retirasse para o castelo de Cumnor, morada do seu amigo António Foster.

Amy, como sempre, obedeceu, sem discutir, e safu, lavada em lágrimas, dêsse palácio que era também seu, e donde a expulsava o homem que lhe devia a vida.

No dia, em que, em vez de se refugiar em Lidcote Hall, junto de seu velho pai, e cometeu a loucura de transpor os umbrais do castelo de Cumnor, Lady Dudley, pode dizer-se, assinou a sua sentença de morte.

Entretanto, provas inequívocas da afei-

ção da soberana caíam sobre o jovem lord.

Sucessivamente, Robert Dudley foi nomeado estribeiro-mór, conselheiro privado e cavaleiro da Jarreteira. Generosa até à prodigalidade para com aquêle que amava, Isabel ainda lhe fez presente de esplêndidos palácios e magníficas propriedades. Em pouco tempo Lord Roberto Dudley tornou-se o mais importante personagem da corte inglesa, enquanto que, lá longe, no solitário castelo de Cumnor, a infeliz Amy, ciente de tudo, chorava amargamente o seu amor perdido, a sua vida despedaçada.

Os cortezãos, presenciando o extraordinário valimento do favorito, não duvidaram em afirmar que, se elle fosse solteiro, a rainha desistiria da sua resolução de não casar, e o escolheria para marido.

A existência de Lady Dudley era o único obstáculo (diziam todos) que o impedia de se tornar príncipe consorte da Inglaterra.

E chegou o momento em que, friamente, cinicamente, calando a voz do coração para apenas ouvir a da ambição e do orgulho, Dudley decidiu suprimir esse obstáculo, a fim de recuperar a sua liberdade.

*Só a morte pode separar aquêles que Deus uniu.*

O destino de Amy Dudley estava traçado. Tinha que morrer, para que o marido pudesse oferecer a sua mão à rainha.

E, uma noite, no castelo de Cumnor, o pavoroso crime consumou-se.

Quasi ao amanhecer, quando ainda a estrela de alva brilhava como um diamante solitário no veludo azul sombrio do firmamento, ouviram-se em toda a aldeia, vinhos do castelo, os gritos lancinantes de alguém que estavam assassinando. Os cães uivaram — diz a crônica. Depois, mais nada. Tudo voltou a mergulhar no silêncio.

No dia seguinte, um mensageiro tomava o caminho de Londres, a fim de ir anunciar a Lord Dudley a *tristíssima nova* de que estava viuvo. Lady Dudley caíra duma escadaria de pedra com tanta infelicidade que tivera morte instantânea.

A verdade é que António Foster, proprietário do castelo, e Sir Ricardo Varney, escudeiro de Lord Dudley, a tinham, por ordem dêsse, estrangulado, alta noite no leito, atirando, em seguida, o corpo pela escadaria abaixo, a fim de ser simulado um desastre.

E foi assim que morreu Lady Amy — pobre cisne branco devorado pelos bicos ávidos dos abutres.

É esta a história do drama, cuja recordação pesava sobre o castelo de Cumnor.

Deus não permitiu que Dudley recebesse o prémio da sua infâmia. O monstruoso crime que cometera nenhum resultado lhe trouxe, pois jámais a rainha se decidiu a desposá-lo. Odiado e maldito por todos, Dudley acabou por morrer vítima dum veneno que destinava a outrem.

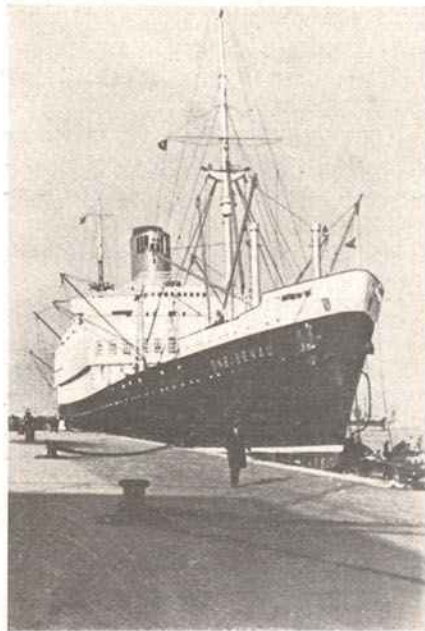
EUNICE PAULA.



## ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



Por ocasião da feira de Leipzig, inaugurada em 28 de Agosto, em que tomaram parte 361 casas estrangeiras, foram colocadas nas ruas vários apartados de correspondência, como a nossa gravura indica



O vapor germânico «Gneisenau» no porto de Yokohama que ali levou 650 alemães residentes em Xangai e que se encontravam em grave perigo, contando-se que prossiga nesta humanitária transferência



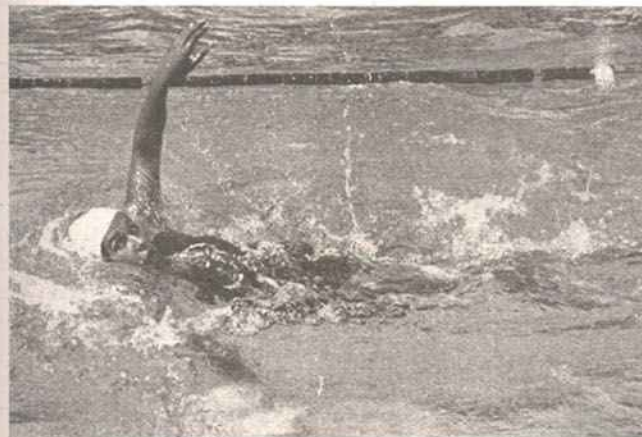
Um aspecto das vistosas iluminações realizadas nos bairros antigos da cidade de Stuttgart por ocasião do 5.º congresso nacional dos alemães residentes no estrangeiro que obteve enorme êxito



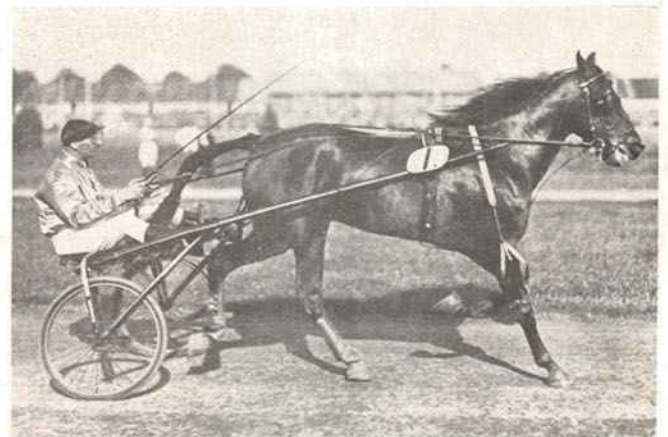
Prova de barcos automóveis da classe dos motores auxiliares, disputada há dias em Berlim e à qual concorreram os mais abalitados competidores. Atendendo à dureza da prova cheia de emoção e imprevisível, os seus vencedores foram alvo das mais entusiásticas manifestações



O Spreewald tem aspectos curiosíssimos, como a nossa gravura mostra. Pelas vias fluviais seguem barcos carregados, não de peixe, como à primeira vista parece, mas dos bons e apetitosos pepínos que constituem um manjar para esse povo tão ponderado como original



A nadadora Schmincke, alemã, que na prova dos estudantes para o campeonato mundial de natação em Paris, saiu vencedora. Na prova de natação de costas conseguiu 100 metros no tempo de 1;25,5. A gravura apresenta a nadadora cortando a água velozmente



Na carreira dos ases trotadores realizada em Berlim-Mariendorf tomaram parte os melhores da Europa. A nossa gravura mostra o triunfador da prova, Charly Mills conduzindo o cavalo trotador «Probst» ao qual couberam, no fim de contas, as honras da disputadíssima vitória





Lady Hamilton—Quadro de Romney

QUEM profundar a tristíssima história de Lady Hamilton, a encantadora criadinha de taberna que chegou a ser embaixatriz da Inglaterra no reino de Nápoles, não poderá censurar as leviandades dessa estranha mulher que, a-pesar-de lódas as suas desditas, havia de ficar na História com a auréola de *divina lady*.

Que mais poderia exigir-se da pobre filha dum ferreiro do condado de Flint, que, em plena cidade de Londres e em pleno século XIX, foi vendida duas vezes como uma escrava nos antigos mercados orientais? Ema Lyon — assim se chamava a desventurada rapariga — não podendo contar com a protecção do pai que mal ganhava para comer, foi procurar colocação na capital britânica. Não eram grandes as suas ambições. Analfabeta como era, deu-se por satisfeita com o lugar de criada numa taberna londrina.

Foi aí que o tenente de marinha, John Villet-Payne, a encontrou, e lhe fez as



Lady Hamilton—Quadro de Romney

mais sedutoras promessas. Ema, sentindo arfar-lhe no peito o anseio do primeiro amor, deixou-se conduzir docilmente por esse homem que com tal meiguice lhe sabia segredar palavras que até então nunca ouvira. Começou o amante por ensinar-lhe as primeiras letras, acabando por torná-la mãe.

Em dado momento, como appareceu um tal Harry Featherstonehaug a requestá-la, o Villet-Payne viu logo nessa inclinação um grande negócio, e cedeu a pobre rapariga ao apaixonado Featherstonehaug por uma elevada quantia.

Uma tal infâmia devia ter esmagado todos os nobres sentimentos da pobre-sita que passou a encarar a vida pela maneira que lhe pareceu mais eficaz. Não poderia continuar a ser a pomba no meio de abutres, sob pena de ser



Lady Hamilton—Quadro de Romney

devorada ingloriamente. Se o opulento Featherstonehaug a comprara sem regatear, como se duma cadelá de luxo se tratasse, que continuasse a manter esse luxo de que ela — e só ela — devia participar. E de tal maneira se conduziu numa vida de fausto e dissipação, que a enorme fortuna do rico se evaporava em breve como fumo de palha.

Por sua vez, Ema Lyon cintilava já no grande mundo londrino como uma estrela de primeira grandeza.

Entretanto, Featherstonehaug, encontrando-se arruinado e sem a menor esperança de encontrar meios de subsistência, decidiu cortar o mal pela raiz. Desfez-se dos poucos móveis que ainda lhe restavam, e foi tentar fortuna para a América. E, assim, a pobre Ema encontrou-se, em pleno inverno, sem eira nem beira, nas nevoentas ruas de Londres.

Vagueando pelas praças públicas, tra-

## Desventuras de Lady Hamilton

### A triste causa dos seus

vou conhecimento com um charlatão que percorria a cidade, de lés-a-lés, vendendo drogas, e tão bem se entenderam os dois, que, a breve trecho, Ema passava a ser ajudante do pelotiqueiro.

Foi nesta altura que appareceu o pintor Georges Romney a tentar a pintura mitológica, visto os retratos a que primitivamente se dedicara, não terem dado resultados apreciáveis.

Encantado com a beleza da ajudante do charlatão, contratou-a como modelo dos seus mais belos quadros que ainda hoje deliciam os olhos dos visitantes dos museus de Londres.

A ânsia de celebridade que o pintor acalentava leve, pelo menos, a vantagem de nos deixar magníficos retratos da *divina lady*.

Os proventos auferidos pela jóvem como modelo não eram, porém, tão amplos que a libertassem da vida mediocre de ajudante do charlatão.

Um dia, appareceu sir Charles Greville, membro da Câmara dos Comuns, que, deslumbrado com a beleza da jóvem, levou consigo, mandando dar-lhe uma educação esmeradíssima. Em boa verdade, este Greville, apesar do seu alto cargo, não fazia muita differença do John Villet-Payne, o primeiro amante da pobre Ema, que tão infamemente a vendera. Se um lhe ensinara as primeiras letras, o outro empenhava-se em ampliar tanto quanto possível essa illustração, para melhor valorizar a mercadoria.

Ostentando *toilettes* riquíssimas, e exibindo as belas qualidades do seu talento que mais faziam realçar a sua beleza física, Ema Lyon tornava-se dentro em pouco a mulher mais amada de toda Inglaterra.

Greville sente-se lisongeado com a posse dessa deusa que os próprios príncipes cubiçam. Mas, um dia, repara que uma tal vida não pode continuar, visto não ter posses para satisfazer as inconcebíveis exigências do seu idolo. Pelo seu cérebro tenebroso passa uma idéa miserável. E se vendesse a amante a seu tio, sir William Hamilton, que se encontrava como embaixador da Inglaterra em Nápoles? Já por várias vezes notara que o velho diplomata sentia uma grande inclinação por Ema, e que, se realçara no coração a sua simpatia, fóra tão somente para não melindrar o sobrinho.

### esplendores e misérias

Enfim, se lord Hamilton estivesse na disposição de chegar-se ao preço, poderia tornar o seu devaneio na mais bela das realidades. Conferenciando com o tio, combinou o trespasse, declarando que a ninguém mais daria a honra duma tal transação, em que, feitas bem as contas, ainda ficava prejudicado. De resto, o tio já muito bem servido porque Ema, além de ser formosíssima, era espirituosa e cantava como um rouxinol.

Tudo isto custara muito dinheiro, podendo o tio ficar certo de que, a pagar a fazenda pelo custo, ainda tinha de acrescentar mais uns milhares de libras ao preço estabelecido.

O diplomata pagou sem discutir, e levou a linda Ema para Nápoles, onde fez furor.

Em 1791 desposou-a para que tódas as portas se lhe abrissem, como effectivamente aconteceu.

Lady Hamilton surgia na formosa cidade do Vesúvio como uma triunfadora. Dava recepções tão brilhantes que ofuscavam as celebradas no palácio real.

E, como se não bastasse, teve artes de captar tão profundamente a amizade da rainha Maria Carolina, que esta nada fazia sem primeiro a consultar.

Após uma existência de sete anos em que Lady Hamilton foi a mentora da soberana, appareceu o famoso almirante Nelson que, como seria de calcular, não faltou nas recepções da encantadora embaixatriz de Inglaterra.

Apesar de cego de um olho e maneta, o herói impunha-se pelo seu garbo e audácia. Tinha 41 anos de idade, e sentia-se em plena pujança. Não tardou que Lady Hamilton se tornasse a amante do glorioso marinheiro. O velho diplomata, embrenhado nas intrigas políticas, não tinha tempo nem paciência para fiscalizar o seu lar. Em dado momento, decidiu-se a morrer, deixando a viuva livre de cuidados e completamente falha de recursos.

Nelson, no entanto, lá estava para suprir as difficencias. O herói de Aboukir tinha posses bastantes. Era barão e par de Inglaterra.

Mas, dando-se a batalha de Trafalgar, em que Nelson morrera, embora ficando vencedor, Lady Hamilton caiu na mais negra miséria, ladeada pelas duas filhas que

o herói lhe deixara. Perseguida pelos credores, foi encarcerada por dívidas durante um ano.

Restituída à liberdade, tomou o rumo de Calais, e ali morreu miseravelmente com a idade de 54 anos.

Essa mulher que dissipara milhões com uma prodigalidade de sultana, sucumbiu à míngua, roída de doenças e torturada pela feroz ingratidão humana.

Em face duma tão desventurada existência, poderá alguém culpar esta mulher que, a ter encontrado um amor sincero, viria a ser uma esposa exemplar e uma mãe amatíssima?

Foi uma dissipadora de fortunas, podendo dizer-se que nada dèste mundo a deteria na sua louca vertigem de perdulária. Foi pouco previdente, pois poderia ter amealhado para a velhice, embora gastando à larga. Foi uma mulher sem es-



John Villet-Payne, primeiro amor de Lady Hamilton

crúpulos, pois não soube respeitar o homem que tão generosamente lhe concedera a mão de esposa, levando-a às mais altas esferas que uma ambiciosa poderia ter sonhado. Foi uma mãe desnaturada que, tendo escurado a garantia do seu futuro, esqueceu o bem-estar dos seus filhos.

Foi tudo isso, é certo. Mas de quem foi a culpa? Se nos tempos de inocência tanto se empenharam em pervertê-la, o que esperavam que saísse dali?

Cumpriu a missão para que fóra talhada como uma bala que não tem culpa da vida que vai aniquillar.

Lady Hamilton não teve culpa de nascer tão humilde como formosa. Se, em vez de ter sido atirada para uma sórdida taberna da babilónia londrina, fósse prestar serviços numa casa respeitável, e oberto de todos os perigos que ameaçam sem-



HORACIO NELSON

Parado de São Francisco de Assis Duque  
Primo Vice Almirante da Armada Real

pre uma jóvem formosa, ingénua, e inexperiente, seria uma interessante rapariga que, adentro da sua honestidade, havia de passar despercebida como tantas outras.

Assim, queimando as asitas da sua ingenuidade na labareda da perversidade que a rodeou, tornou-se célebre, tristemente célebre. Não se pode dizer que triunfasse, porque os seus triunfos — se assim se lhes pode chamar — foram sempre o prenúncio das maiores calamidades.

Pobre Lady Hamilton! o seu nome ainda sóa como um trinado mágico aos ouvidos da Humanidade que a censurou, depois de a ter pervertido e desgraçado com a mais espantosa das crueldades!

GOMES MONTEIRO.



Lady Hamilton—Quadro de Romney



# FOTOGRAFIAS DE ARTE



*O fiozinho da fonte*



*Natureza morta*



*Perfil judaico*



*Intimidade rústica*



*Henrique Manuel (Foto San Payo)*

As quatro fotografias reproduzidas acima fazem parte da magnífica colecção de 50 que o ilustre artista Henrique Manuel expôs no «Vidago-Palace», com o mais extraordinário êxito. Não são necessários louvores para realçar a obra d'este inspirado poeta fotográfico. As suas estrofes estão à vista, ao alcance de todos, podendo até ser entendidas pelos próprios analfabetos. Vêde esse *fiozinho da fonte*, tão suave, tão nítido, tão flagrante que chegamos a ter a impressão de ouvir a queda da água dentro do cântaro. Essa *natureza morta* é duma tal realidade, que até parece viva! E esse *perfil judaico*? Como estão ali marcados todos os traços dessa raça perseguida, mas firme na sua fé inabalável! E essa *intimidade rústica*? Quando é que um pintor deu um tal movimento às suas telas, embora valendo-se do recurso precioso do colorido?

Henrique Manuel, em boa verdade, é um grande artista que todos devemos considerar, pois honra a sua terra. De resto, a sua fronte não engana, segundo o magistral retrato que d'ele nos faz o insigne San Payo. Fitando-o bem de frente, adivinha-se logo nele o artista de alto valor, isto é, «tira-se pela pinta», como o povo costuma dizer — e sempre com razão.



É conhecida a atracção que tôdas as mulheres sentem pelo espelho desde o período em que largando as bonéas, ouviram o primeiro galanteio.

Ah! mas se elas pudessem fixar indelevelmente na sua memória a impressão que lhes causou o primeiro olhar concedido ao seu espelho, quebrá-lo-iam implacavelmente no dia em que êle lhes anunciasse a primeira ruga da velhice e o primeiro cabelo branco.

Felizmente essa impressão desvanecese sempre sem deixar vestígios, e, para maior segurança, os espelhos não falam...

Ao fitar o espelho pela primeira vez, quantas ilusões radiosas perpassam na mente dessa jóveme que, ignorando a vida e tudo o que de amargo ela contém, sonha um futuro risonho como um jardim vicejante, em cujas flores perfumadas as doiradas abelhas da sua fantasia andam a preparar o mel da sua felicidade.

Esse príncipe encantado que, em tem-

pos idos, chegava sempre para a arrebatá-la na garupa dum cavalo ardente, virá agora num magnífico automóvel de boa marca, e que, à falta de um, terá cinqüenta cavalos e oito cilindros.

E que lindo passeio, não através de bosques floridos, mas sôbre estradas lisas como a palma da mão, até o Estoril onde tantas jóvens a fitarão invejosas da

## SE OS ESPELHOS FALASSEM...

sua beleza, das suas *toilettes*, da sua ventura.

Tudo isso passará em turbilhão pelo espírito de tôdas as raparigas no momento em que se fitaram pela primeira vez ao espelho.

Se elas pudessem reter, firme e inapagável, essa impressão, quão desventuradas seriam no dia fatal das desilusões.

Mas o tempo, por compensação caridosa, tem o condão de fazer evaporar os sonhos tão subitamente, que dêles não

fica a mais ténue lembrança. Além disso, por felicidade os espelhos não falam...

E' conhecida a triste história daquela formosíssima dama vienense, citada por D'Annunzio, que, ao aperceber-se da primeira ruga, deu uma festa magnífica no seu palácio, para se mostrar aos seus admiradores em tôda a sua beleza que deveria definhar-se dentro em breve. Fez assim a sua despedida, para que todos ficassem permanentemente com a sua imagem encantadora. De-

pois mandou fechar tôdas as portas e janelas e encerrou-se nos seus aposentos, onde nem os criados poderiam vê-la. Quebrou todos os espelhos para que não reflectissem o que muito penoso lhe seria observar — a derrocada da sua formosura.

E assim viveu, anos e anos, prisioneira do tempo, como um fruto apodrecendo, a pouco e pouco, na escuridão duma velha despensa que olhos humanos não poderiam devassar.

Ainda não há muitos anos, uma muito ilustre dama que morreu centenária, tendo sido uma das mais prodigiosas belezas do seu tempo, ordenou que, após a sua morte, lhe cobrissem o rosto com um pano preto, devendo êste ser cosido com todo o cuidado, como se fôsse uma máscara impenetrável.

A ilustre dama não queria exhibir ante os olhares de quem lhe velasse o cadáver, os horrorosos estragos da velhice.

Que amaríssimas lágrimas essa velhinha teria vertido diante do seu espelho, que em tempos distantes lhe mostrara a beleza em tôda a sua gloriosa pujança, e que naquêles tristes momentos, lhe apresentava apenas um doloroso conjunto de rugas e de achaques!

Mas, se ela pudesse recordar-se da impressão que o seu espelho lhe deixou quando o fitou pela primeira vez, as suas lágrimas, então, de amargas, passariam a ser corrosivas.

Não se pense que estas revelações podem causar tristeza a qualquer jóveme que as leia. Não. Por mais que lhe matraqueassem esta triste verdade, não a entenderiam.

Se a avôzinha, cansada e desiludida, de olhos enxutos por não ter mais lágrimas para chorar, disser á neta o que lhe vai na alma, a rapariga sorri indiferente como se estivesse a coberto do inexorável insulto do tempo.

Mas, um dia, quando sentir alcachinar o dôrso airoso, é que compreenderá com infinita mágoa, o que a pobre anciã tantas e tantas vezes lhe dissera: — "Ah! minha filha, como é triste envelhecer!"

Recordará o seu passado que, tendo sido um jardim viçoso, está transformado num cemitério abandonado. Mais tristes que as folhas sêcas que os sôpros outonais arrancam cruelmente, as suas ilusões ruirão também para não mais reverdecer.

Se pudesse recordar a impressão que o seu primeiro olhar ao espelho lhe deixou, que grande desgraça!

Felizmente os espelhos não falam...



O primeiro olhar ao espelho — Quadro de J. A. Muenier





O bivaque antes da batalha — desenho de R. Caton Woodville

EM 1810 a Inglaterra era a nação da Europa que mais afligia Napoleão Bonaparte. A esquadra francesa havia sido destruída em Aboukir pelo terrível Nelson que, sete anos depois, deveria morrer na batalha naval de Trafalgar, tendo ficado vencedor!

A Inglaterra continuava a ser a Senhora dos Mares. Foi então que Napoleão, impossibilitado de invadir este país engendrou o bloqueio continental que teria por fim asfixiar o comércio e a indústria britânicos.

Portugal, fiel aos seus compromissos, mantinha a sua aliança com a Inglaterra, abrindo-lhe os seus portos.

Daf a invasão das hostes napoleónicas, tanto mais que o domínio francês em Espanha não poderia manter-se, visto recuar-se a intervenção britânica que surgiria necessariamente das bandas de Portugal.

Vencido Junot e vencido Soult, Na-



A carga à baioneta — fragmento duma gravura inglesa da época

poleão teve uns momentos de desânimo. Após tantas e gloriosas batalhas de que saíra vitorioso, havia de sofrer resignado as derrotas que Portugal lhe infligia?

Não. Portugal havia de ser conquistado, fôsse como fôsse. E, assim, o ambicioso corso preparou a terceira invasão, cujo comando entregou ao seu querido general Massena que era considerado o "Anjo da Vitória".

Entretanto, Wellington, arvorado em generalíssimo das tropas anglo-portuguesas, previa tão nitidamente os manejos napoleónicos, que ordenou a construção das linhas de Torres Vedras.

Segundo a opinião dos grandes técnicos, "a defesa de Wellington organizada por Wellington em 1810, foi uma defesa clássica no género das campanhas defensivas e que a história militar regista a par da campanha defensiva de Barclay de Tolly na Rússia em 1812, a qual foi imitação da primeira.

Fix, referindo-se às campanhas defensivas, diz:

"Quando um general opera fóra do seu país, como Wellington em Portugal, ou quando a população se encontra fanatizada como a de Espanha em 1808, ou, finalmente, quando um país é pobre e pouco povoado como era a Rússia em 1812, realiza-se a devastação sistemática do território, à medida que se vai retirando do inimigo. Queimam-se as casas e as povoações, destroem-se as colheitas e transporta-se as populações para longe do teatro das operações, formando-se assim um verdadeiro deserto adiante do exército invasor. . .

"O exército defensor procura sustar os progressos do inimigo apoiando-se nas linhas de defesa, ou nas praças, enviando sempre todos os esforços para fadigar e enfraquecer o inimigo, quer pelos combates da guarda de retaguarda, quer pela defesa indirecta; e oferece a batalha quando se estabelecer o equilíbrio entre os dois exércitos, ou suspende a marcha do inimigo por uma resistência passiva, opondo-lhe uma barreira de pontos fortificados. . .

Napoleão, ao organizar a terceira invasão, formulara o seguinte plano: Massena, saindo de Salamanca, invadiria Portugal pelo vale do Mondego, e marcharia sobre Lisboa; por sua vez, Soult, depois de su-

## WELLINGTON

# A temeridade do

submeter as praças de Badajoz e Elvas, cooperaria com Massena, marchando também sobre Lisboa, pela margem esquerda do Tejo.

Tudo seria cumprido à risca, se a divisão ligeira que se estabelecera em postos avançados entre o Águeda e o Côa, sob o comando de Crawford não detivesse o ímpeto dos invasores.

Ney marchava sobre a praça de Almeida que contava render com a mesma facilidade com que submetera Ciudad Rodrigo.

E' ainda Crawford que se manifesta com a sua bravura indomável, na intenção de retardar o mais possível a tomada de Almeida. Assim, airona temerariamente o corpo de exército de Ney, sustentando um terrível combate contra dez mil homens — o dôbro das suas forças! Convém não esquecer que Crawford não tinha esperanças de ser socorrido, visto não estar nos desígnios de Wellington opôr-se à invasão na fronteira.

Embora as instruções recebidas lhe proibissem qualquer cometimento sério na margem direita do Côa, o general Crawford aceitou o combate de que resultou ficar a sua divisão completamente envolvida, e sofrer grandes perdas. Forçado a retirar para a margem esquerda por uma estreita ponte, exposto aos fogos cruzados do inimigo, Crawford realizou verdadeiros prodígios de bravura. A passagem da ponte fez-se. O balanço dêste renhido combate deu o seguinte resultado: mortos e feridos, 44 portugueses e 200 ingleses, 28 dos quais eram oficiais. Os franceses tiveram mais de 1.000 mortos e feridos.

Apesar da sua rigidez, Wellington não censurou o fogoso Crawford. No entanto, numa carta que dirigiu, em 24 de Julho de 1810, a W. Pole, diz entre outras coisas:

"Posto que eu responda por êles, podeis contudo estar certo de que em nada contribuí para tal fim, havendo até positivamente proibido as loucas tentativas em que Crawford envolvia os seus postos avançados. Tinha-lhe até manifestado de maneira positiva o desejo de que se empenhasse em qualquer empresa na outra margem do Côa. . . .

E prossegue no mesmo tom: Depois de tudo isto, permaneceu mais de duas horas na mesma posição desde que o inimigo apareceu na sua frente. Poderéis dizer-me: se assim é, porque

## CONTRA MASSENA

# general Crawford

não se acusa Crawford? Eu direi: porque, se respondo por êle, não posso acusar um homem que creio que teve em vista proceder bem, e cujo erro é de entendimento e não de intenção. E, na verdade, devo acrescentar que ainda que os meus erros e os dos outros também pesem gravemente sobre mim, não é êste o modo como deve ser governado um exército qualquer. . . .

Crawford, no entanto, não perde o menor ensejo de se atirar temerariamente contra o inimigo, seja qual for a sua força e o seu número.

Quando Wellington, na crista da serra do Buçaco, dispõe em ordem de batalha as tropas anglo-lusas, Crawford entretém-se a escamurçar com a guarda avançada de Reynier. Na madrugada do dia 25 de Setembro, Crawford vê avançar três colunas inimigas, a cuja retaguarda se erguiam densas névens de poeira, indicando a marcha de todo o exército francês.

Crawford não vacila e opõe-lhe uma tão tenaz resistência que Wellington, que se achava próximo, vendo-o disposto a renovar a cena do Côa, lhe ordenou a retirada, livrando-o assim do perigo a que se ia expôr.

Massena foi derrotado por não ter sabido conhecer a tempo a categoria de Wellington como adversário. Não conhecendo estradas portuguesas, ignorava também as forças de que o inimigo dispunha.

No entanto, emproado na sua vaidade, contava como certa a vitória, tendo ordenado o ataque para o dia 27.

Ora, se as posições anglo-lusas estavam tão firmes que podiam ser consideradas inexpugnáveis, acometê-las seria a derrota. Isto ponderaram dois generais franceses que chegaram a comparar uma tal investida com a audácia temerária de "tentar agarrar-se um boi pelas pontas. . . . Seria, pois, melhor tornear o inimigo, e com a maior prudência. Todos os ataques que se fizessem às posições anglo-lusas resultariam nulos, senão desastrosos.

Massena, irritado com a observação que parecia pôr em jôgo a sua tática de guerra, declarou bruscamente:

"— E' a primeira vez que Wellington parece disposto a dar batalha. Quero, portanto, aproveitar-me da ocasião. . . .

E manteve a ordem de ataque para o dia 27.

Ney e Reynier, prevendo o desastroso



O general Crawford dando a voz de "carga". — desenho Caton Woodville

fim que um tal capricho poderia acarretar, salientaram a conveniência de atacar no dia 26, visto os movimentos das forças anglo-lusas indicarem que as disposições defensivas não estavam completas.

Mas o marechal Massena mostrava-se cada vez mais aferrado ao seu propósito, chegando a dizer a Reynier que o fóra consultar a Mortágua:

"— Não me convenço de que lord Wellington se arrisque a perder a sua reputação; mas se o fizer. . .

— Se o fizer?

"— *Je le tiens, demain nous finirons la conquête du Portugal et en peu de jours je voyerai le léopard.*

Em boa verdade, não se compreendia



Lord Wellington — gravura de Bartolozzi

uma tal obstinação do heroi de Essling e Génova. . .

Ainda mal dealtava o dia 27, quando a infantaria francesa abriu fogo, do fundo do vale, contra as patrulhas de exploração do exército anglo-luso.

Contava Massena que o inimigo descesse até o vale, e então lhe mostraria os seus prodigiosos recursos de guerreiro. Queria a batalha campal em que se considerava invencível.

No entanto, Wellington, impassível na sua prudência, e impenetrável na sua fleugma, não se dignou fazer-lhe a vontade. Se Massena queria atacar que trespassasse à procura do inimigo.

No mais acêso da batalha, a divisão Marchand tenta tornear a direita da divisão ligeira comandada pelo intrépido Crawford. Êste, colocado sobre um rochedo, encara impávido a furiosa luta, espiondo os movimentos do inimigo. Na altura própria, manda avançar dois regimentos da reserva, e dá a voz de "cargar"! Um *hurrah!* atoador faz suspender a marcha dos franceses, sobre os quais se precipitam 1.800 baionetas numa verdadeira avalanche.

"A testa das colunas — diz Conceição e Sousa — é repelida sobre a cauda, os seus flancos envolvidos e três descargas, feitas quasi à queima-roupa, completam o desbarato do inimigo. Crawford passa então à sua perseguição. Ney, para proteger os seus, faz avançar a reserva e começa os fogos de artilharia. O trovão dos fogos adverte Crawford do perigo que vai correr; volta então rapidamente para a posição primitiva. . . .

Massena estava derrotado.





D. João VI de derrotar em Waterloo.

É certo que, tanto Junot, como Soult, como Massena, cometeram erros de fática; mas quem poderia considerar-se isento de os cometer?

Wellington, sempre adentro da sua fleuma britânica, aguardava o momento próprio, sem entusiasmos nem desânimos. Tendo assistido com a maior calma à queda de Ciudad Rodrigo, não tinha em vista socorrer a praça de Almeida tão seriamente ameaçada. E, no entanto, com a capitulação de Almeida, Portugal começava a ser invadido. Não era intenção do generalíssimo inglês deter o inimigo na fronteira. Se Massena tinha tão ardoroso desejo de entrar em Portugal, que entrasse. Na devida altura ser-lhe-ia prestada a devida recepção.

Pode dizer-se que Massena, apesar de tódá a sua basófia, entrara em Portugal completamente às cegas.

Quem o poderia elucidar? Wellington adotara um plano terrível que deveria surtir, nos seus selváticos meios, os melhores resultados. À medida que os franceses avançavam, o astuto inglês retirava passivamente, levando adiante das suas forças tódá a população que, obedecendo com uma abnegação

heróica à ordem da regência, abandonava os seus lares, queimava as suas habitações, devastava as suas searas, destruía as pontes e moinhos, e tudo sem indemnização de qualidade alguma! Deixavam atrás de si um verdadeiro deserto com tódas as desolações em que o invasor deveria enfraquecer.

O próprio Massena lastimava-se nestes termos em ofício ao príncipe de Wagram:

"Não marchamos senão por desertos; em parte alguma se encontra viv'alma; tudo se encontra abandonado. Os ingleses levam a sua barbaridade até o ponto de mandar fuzilar os que ficam em suas casas; mulheres e crianças, tudo foge. Finalmente, em nenhum lugar se pode encontrar um guia."

Ferida a batalha do Buçaco, em que 29.005 portugueses e 24.000 ingleses defrontaram 66.000 franceses, Massena perdeu, entre mortos e feridos, cerca de 2.500 homens, ao passo que as baixas portuguesas foram apenas de 578 e os ingleses de 560. A bravura dos nossos foi reconhecida pelo próprio Mas-

## A BATALHA DO BUÇACO

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A TÁCTICA DE WELINGTON

sená que, nas suas memórias, ao narrar a campanha de 1810, diz assim:

"A maior parte dos regimentos portugueses era composta de recrutas na proporção de quatro quintos; mas o soldado português, inteligente, sóbrio e infatigável nas marchas como é, sendo bem comandado e disciplinado, não só podia igualar o inglês, mas até excedê-lo."

Dizem os técnicos que "se Massena, mesmo depois de tódas as contrariedades, atacasse as linhas de Torres Vedras, logo que chegou de frente das mesmas, teria tódá a probabilidade de transpor o obstáculo da 1.ª linha, e atacar a 2.ª, porque Wellington com a sua retirada precipitada, não conseguira guarnecer tódas as obras, nem ocupar todos os pontos. Salientam ainda que havia espaços sem defeza por onde a entrada dos franceses seria fácil, embora os seus esforços se aniquilassem de encontro à 2.ª linha."

Afinal, isto só prova a magnífica táctica de Wellington.

Dizem ainda os técnicos que "a ideia de Napoleão, para deixar o exército aliado confinado na península de Torres Vedras,

era excelente, visto que, reduzidos os ingleses à inacção, haviam de abandonar as linhas para levar a guerra a outros pontos."

Mas reconhecem também que a realização desta excelente ideia de Napoleão demandava uma base de aprovisionamentos, cuja falta, provocada pela táctica destruidora de Wellington, havia de causar a ruína do exército de Massena, e mais tarde, a dos outros corpos franceses na península.

Como se verifica é sempre a acção de Wellington que prevalece.

No entanto, os técnicos persistem em afirmar que "se em harmonia com o plano de Napoleão, a cooperação de Soult fosse efectiva, se este marechal tivesse submetido Badajoz ao mesmo tempo que capitulava Almeida, marchando em seguida sobre Lisboa pelas margens do Tejo, era provável que o resultado da campanha fosse favorável aos franceses, tanto mais que Wellington, apesar das instâncias do governo português, não fortificara Almada."

Esquecem os técnicos que Massena não dispunha de equipagens de pontes,

e Soult via-se na impossibilidade de as transportar, ao passo que Wellington podia manobrar em qualquer das margens do Tejo.

Quando se diz que Massena teria dominado Lisboa se tivesse alcançado as alturas de Almada, não deve deixar de se acrescentar no mesmo tom, para não perder o sabor, que o marechal francês teria ganho a guerra... se não tivesse sido derrotado!

Wellington, tendo elaborado o seu plano, cumpriu-o absolutamente. Os vários desastres que poderiam surgir, segundo a opinião dos vários técnicos que viram a batalha à distância de muitos anos decorridos, estavam previstos pelo astuto generalíssimo inglês.

Sabia este melhor que ninguém o desastre que constituiria a chegada das tropas francesas a Almada. Em primeiro lugar, a esquadra inglesa seria forçada a abandonar o porto de Lisboa; em segundo lugar, se o Alentejo caísse em poder das tropas de Massena, os habitantes da Beira e da Estremadura que haviam entrado em Lisboa, em número de 250 mil homens, seriam obrigados a permanecer na capital, onde a fome, a miséria e as epidemias que sempre aparecem nestes casos os aniquilariam por completo, visto os recursos de Lisboa e os que a Inglaterra poderia ceder serem insuficientes para a manutenção de tanta gente.

Mas Almada não foi ocupada por Massena, e o Alentejo manteve-se livre.

Wellington confiava na eficácia das linhas de Torres Vedras que tão discretamente mandara construir.

Robinson, referindo-se à ignorância de Massena acerca das linhas de Torres Vedras, salienta:

"O segredo com que foi levada a efeito a construção das linhas, parece quasi inexplicável, e diz muito a favor do patriotismo dos portugueses, sem o qual nem mesmo a pena de morte, suspensa sobre todo aquele que comunicasse com o inimigo, poderia ter evitado que os franceses tivessem algum conhecimento do que se fazia no campo dos aliados."

Se Wellington não fortificou a margem esquerda do Tejo, apesar das instâncias do governo português, é porque não havia chegado ainda o momento próprio.

Dois meses depois da batalha do Buçaco, sendo prevenido do aparecimento de franceses nas fronteiras do Alentejo, tomou as devidas precauções contra uma nova invasão por esse ponto. Tratou logo de levantar fortificações para formar um campo entrincheirado nesta margem, cujo centro era o monte de Caparica, apoiando-se a direita nos rochedos escarpados da Ra-

Napoleão



poseira, e a esquerda nas alturas de Murtela. Desas sete grandes redutos foram construídos nesse perímetro, além de grande número de lunetas e flechas, sendo o castelo de Almada reparado e fortemente artilhado. E, como se não bastasse, Wellington mandou construir uma nova linha de defesa, desde Aldeia Galega até Setúbal, Wellington tudo previra. Tendo na sua mão a península setubalense, evitava o maior perigo para a navegação do Tejo.

Não alardeou o seu plano, nem se deu ares de grande cabo de guerra que se apresentasse coberto de louros e títulos pomposos. Friamente poz-se a executar o seu plano com o maior segredo, pois dele dependia o éxito.

E, assim, atingiu, o fim desejado, como seria de esperar. Massena foi derrotado como qualquer outro dos marechais napoleónicos que tivesse vindo.

Napoleão encontrára, finalmente, quem o ofuscasse. Portanto, estamos convencidos de que se, em vez de mandar, tivesse vindo, teria encontrado mais cedo o herói que o havia de esmagar em Waterloo.



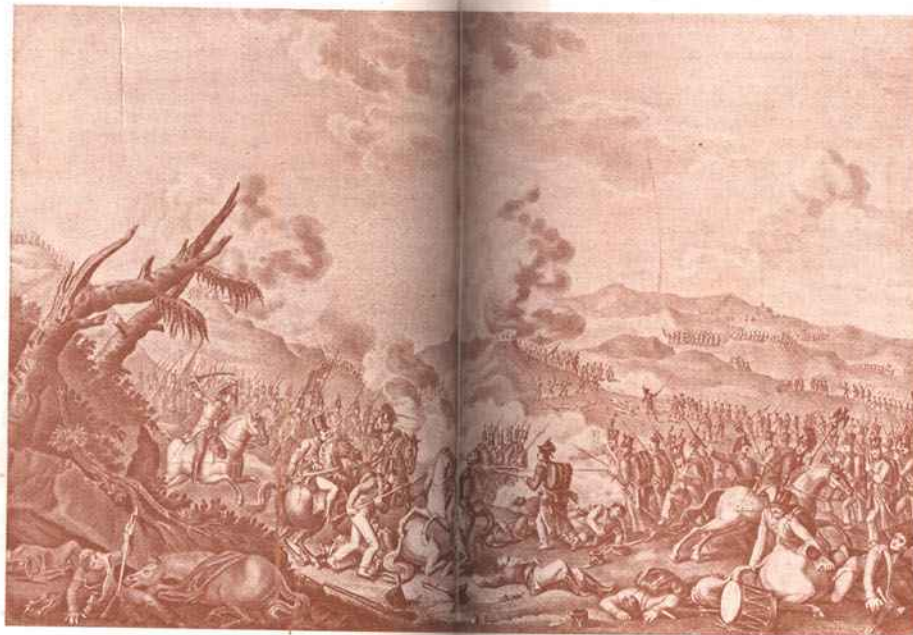
A batalha do Buçaco, ferida no memorável dia 27 de Setembro de 1810, constituiu o malogro das ambições napoleónicas sobre Portugal.

Várias vezes se tem afirmado que Napoleão teria vencido se, em vez de enviar os seus generais, embora os mais experimentados, tivesse vindo pessoalmente. Não é bem assim. Se o corso se decidisse a vir "afogar, por suas mãos, o leopardo inglês no Tejo", encontraria mais cedo o formidável herói que o havia



Massena

A batalha do Buçaco







Um aspecto de Seia

O auto, que vai conduzir-nos a Seia, lança o seu alarme...

Em breve começamos descendo para o Mondego. A paisagem é amena, tóda em tons brandos. As penedias aformoseiam-se com o veludo dos musgos. A aragem é tépida, embalsamada de eflúvios, — emanações das leivas, frescura das águas e perfumes silvestres.

E a música das aves, em doces requiebros, está pedindo letra de Tomás Ribeiro, que há meio século por aqui andou, rimando os seus gorgeios.

Junto à ponte, uma pastorinha pressurosamente aquevia o gado, à passagem do auto. Ouço-a a cantar:

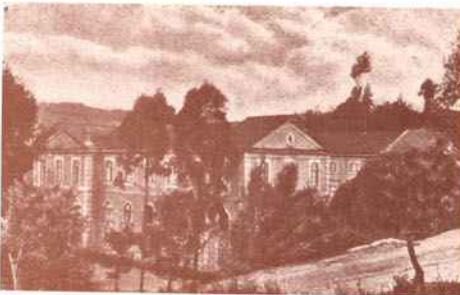
*Eu no céu tenho uma estrêla,  
Na terra uma sombra — a dor.  
Dis-me o rio que sou bela,  
Veíma que não cada flor.*

Não tem sabor popular a cantiga. E se fôsse do Poeta?...

E subindo já, o ar é mais límpido, mais leve — fortalece e alegre. E o rio tem mais beleza; das encostas, braços verdes do arvoredo lançam bênçãos.

O optimismo penetra em nosso espírito. Vale a pena o esforço de viver!

O homem é afinal o rei da criação. É para nós que o sol amadura nas verdadeiras os cachos e aloira os milhos... É para nós que nas hortas trabalha o regueiro cantante! Deus para Adão criou Céu e Terra: — as estrêlas, os ninhos, os pomares e os rebanhos...



Caldas da Freixoira em Nelas

tas de duas solas, jaqueta ao ombro, camisa aberta, riso grego em semblante romano, é Baco, môço, olímpicamente belo, o freguês da locanda que vai na terceira canada...

Basílio, o enamorado, que desde Nelas — há um século! — não mais telegrafou, lamenta que não venha também por aqui tomar a sua pinga Mercúrio, o alado mensageiro.

Mas entra no auto uma viçosa rapariga, corada, fresca, loiros cabelos, bôca de desejo, olhar de graça e malícia, amparando à cinta, que o chaile mal oculta, um cântaro novo de barro vermelho...

David pergunta se será Vénus.

E antes de Vila Chã, numa volta do caminho, um barbaçudo ameaça, faz parar o carro, obriga a deusa a descer. E diante de si a vai levando, côxo e disforme, feroz e ridículo!

Assim Vulcano compeliu Cithêra, sua volúvel consorte, a partilhar nesse dia o cruél leito da sua lóbreaga caverna...

Percorridos, desde Nelas, 23 quilômetros, topamos Seia, em encosta de um contraforte da Estrêla, a 532 metros acima do nível do mar, dominando um extenso vale.

Quem foram os seus fundadores?

Raças se atropelam no longínquo passado...

Mas a vila, que investimos sob um sol escaldante, pelo meio dia, não ocupa precisamente o local da primitiva Seia, nem mesmo o da românica — Castrum-Scena, Civitatum-Scena ou Oppidum-Scena.

Após as legiões do Lácio, hordas de alanos, suevos e vândalos por aqui passariam, alânica, suévica e vandálicamente... Depois, os godos. Por fim a invasão sarracena...

Fernando o Magno, no século XI,

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Através das poéticas serranias da Beira

edificou o castelo de Seia, que tão largamente conta nas lutas da Reconquista. A sua volta o povoado se cerrou, laborioso e rude; em 1136 lhe deu foral D. Afonso Henriques.

A tradição, honrando a notável belicoidade dos seus habitantes, filia nestas terras os doze de Inglaterra, em quem revivem no ciclo medieval, brandindo com forte pulso a vencedora espada, os indomáveis serranos que, mil e quinhentos anos antes, varreram das cumiadas da Estrêla as lanças dos conquistadores do mundo.

E ouço a voz da lenda... Em Seia nascera Antonina —

*Antonina pezuena,  
dos olhos grandes...*

diz o rimance popular, em ingénuo retrato.

Um cruel édito imperial por esse tempo se cumpria na Lusitânia — que o olhar de Deus, compassivamente, não esquecerá para as glórias do martirio.

Pela muita fé se distinguia Antonina, entre tódas as da sua criação...

E a pálida virgem, de contemplativos olhos negros, em que o celeste amor espelhava os primeiros alvôres da graça, foi como uma pomba cativa, estremelecendo em mãos brutais, violentas. Oh açuena do vale que um vento furioso surpreende e açoita!

Desnuda, mais esplendor irradiava o seu corpo, mais frescura aveludava a sua pele.

Sob os túmidos peitos, alvorçado, sentia-se bater seu coração.

Piedosas mulheres choravam em redor, e as crianças levantavam o seu clamor, de espanto e de dó. Só os homens passavam silenciosos, como indiferentes, apagados na submissão e no terror.

Entre legionários foi conduzida ao Cristelo, espancada e ferida, arrastada como uma novilha tenra, atônita sob o golpe.

E, tendo os romanos repellido da colina a última populaça, Antonina, atirada, exânime, sobre o esteval, se encontrou na horrída solidão das almas. Só poderia consolá-la Deus! Ferida de vergonha da sua nudez, fechou os olhos e o contemplou melhor.

Ao longe, os cordeirinhos do seu rebanho baliram...

O sol descera, e na noite, antes que o luar subisse, fogueiras flamejaram.

Soldados e prostitutas riam. Cães uivavam. Antonina despertou...

Entre o fumaréu a orgia começava; ouviam-se vinhos correr, perfumados molhos rescendiam. Beijos de perdição e cantos de lascívia embebedavam o ar.

Um moço, sem rumor, se aproximou de Antonina. A pastorinha divisou o seu rosto, temendo adivinhar, numa páfida inquietação... Ele brandamente a tocou, cobriu-a, cariciosamente a apertou nos braços.

O luar nascia. De repente, imperativo, alguém bradou: — Tragam-na! Tragam-na!

O moço estremeceu, erguendo-a. Acudiram soldados. E logo, apressando-se, a levaram ao centurião.

Acesa, a luxúria coroa-a pela gula. — Vêde a cristá! Vêde a cristá!

E todo o acampamento respondia aos seus gemidos com cruel alarido, ebridade, concupiscência e furor de sangue.

Antonina, a bôca entreaberta, ansiante, desmalava...

A Mártir foi, enfim, crucificada na Serra ao romper de alva, exposta ao sol ardente, para que as abelhas nela achassem mantimento. — nudez vestida do esplendor dos céus, nívea flor abrindo, entre fragas, dum madeiro exangue!

Numa das lagoas cimeiras, se vê ainda boiando, ao luar de Agosto, o seu núbil corpo inviolado...

Seia liga assim, por uma suave lenda, o nome das suas ternas mulheres à áspera e severa magestade da Montanha.

O sol desce há muito. É tempo de partir; já a fresca viração convida.

Findo o jantar, charuteávamos, na loja que ocupa os baixos da estalagem que nos fez as honras de Seia, despedindo-nos da civilização, quando um padre entrou, pediu alegremente, batendo no balcão, o seu meio litro...

Fumou comosco, fraternisámos. E logo nos decidiu, tirando-nos da tenção de seguir pela Póvoa Nova.

Para a Serra! O Padre Alberto leva-nos a Sabugueiro, onde parou.

Deve andar pelos sessenta o novo companheiro, magro, falador, nervoso e ágil, um antilope dos Herminios, com seus doces olhos de raça.

E até alcançarmos os cimos de Seia — tão curiosa é a sua figura, tão pitoresca a sua linguagem, saudado pelos rôtos,



Nas neves da Serra da Estrêla

A Senhora do Deserto em Seia



tratado de igual para igual por toda a humilde gente que vem ao seu encontro e ri com ele — não pensei senão neste sacerdote original e cristianíssimo.

Arranjáramos, entre a péra e o queijo, dois insignes guias. Mas, aos primeiros passos, vêm bem a népida dos desajeitados vadios. Nem as pobres alimárias, que alugaram, poderão conduzir longe os nossos agasalhos e comestíveis. Desgraçados burrinhos, sem albarda, sem cilha nem tranca! Um pipo de vinho rola. Os condutores praguejam...

Mas a tarde suavíssima tão bom humor derrama, que não ha desgosto que vingue.

Foi-se Seia, engastada como uma pérola em verde esmalte, à beira do maravilhoso quadro da planura.

E subimos, transportas as colinas dominantes, um largo degrau onde as culturas recomçam.

Do caminho avistamos, numa quinta próxima, de branco para-sol, àquela hora mais adorno que defesa, duas senhoras novas, saltitando e correndo. Sentam-se por fim num cômodo, muito juntas. No regaço de uma, um livro aberto. Naquela altitude, tão longe do povoado, de meia de sêda e sapato de camurça, parece que vieram de propósito... para fazermos literatura!

Atacamos íngremes lombas, atravessamos pinhais, encurtamos por atalhos.

E com Basílio, o filósofo, embrenho-me em discussões profundas: o município, a fidalga, a Idade Média!

Taine, o ponderoso Taine, ali é solenemente convocado, à raiz da grande Serra, naquêle cair da tarde, para explicar-nos o bom espírito feudal dos senhores que residem entre o povo.

E, de repente, é João Brandão que passa, cheio de ferocidade e ternura, ao lado do velho marçós de Mirabeau, que inspira respeito e terror, paternal e tirânico...

E entramos em Aldéia da Serra. Ao

lado do caminho, na regadeira talhada em granito, a água abundante rumoreja. E corre com uma tal pressa, que logo se vê que tem muito que fazer, muito a quem acudir, que não guarda no verão domingos nem dias santos e nunca ouviu falar nas oito horas de trabalho.

Passámos a povoação, sem nos determos quási.

Preside Aldeia da Serra, no meio de casebres de granito nù, uma casa vasta, de cômodos cidadãos, castelo contemporâneo, de estuques claros e gradeamentos de ferro pintado.

Uma senhora assoma ao terraço, entre festões de rosas...

Subir! E uma hora continuamos, de socalco em socalco, trepando ao desafio. Ganhámos a leveza e a alegria de montanhêses.

É como dum vasto escadório essa ascensão triunfal. Lá no alto nos espera a Senhora do Espinheiro. Lindo nome! Há também uma Senhora de La Salette... Mas a nossa grande devoção é a Serra!

Vamos numa vasta esplanada, a 1094 metros de altitude. À esquerda, fica a Póvoa Velha.

Subimos ainda. Avistam-se, para nòrdeste, as cumiadas de Santo Estêvão (1370 metros).

Fecha-se de todo a noite. Começamos agora descendo. E o caminho de carro, rasgado há séculos na montanha, não é mais, nalguns sítios, do que um barrocal intranstillável. Só o luminoso palôr do céu estrelado nos guia. Na frente, o padre Alberto e o pai Joaquim Lopes cantam.

Adivinham-se já culturas nos refégos dos montes. Corgas gorgolejam. Distinguem-se vultos de arvoredo. Um cheiro de ramada de pinho no forno anda esparsa no ar.

A direita, uma indecisa mancha láctea flutua — água que bate em fragas, talvez um rio ao fundo. Um cão ladra.

E, a uma volta do caminho, fumo subindo...

— Salve-os Deus!  
— Deus os salve, sr. Vigário!

LOPES D'OLIVEIRA.



**A** GAPITO entra no quarto de Melquiedes, escritor sem vintém, e encontra-o na cama em vez de levantado e disposto a correr a via sacra das redacções em busca de colaboração.

— Ora esta!... Então tu ainda estás na cama?... Sentes-te mal?!

— Não!... Estou na cama porque, precisamente, me sinto excelente!

— Mas... tu estás doido? Queres casar com uma ama de leite... e sem dote!..

— Sem dote?... Tu sabes a como está o litro de leite?...

Num compartimento de caminho de ferro viajam, há várias horas, dois pro-



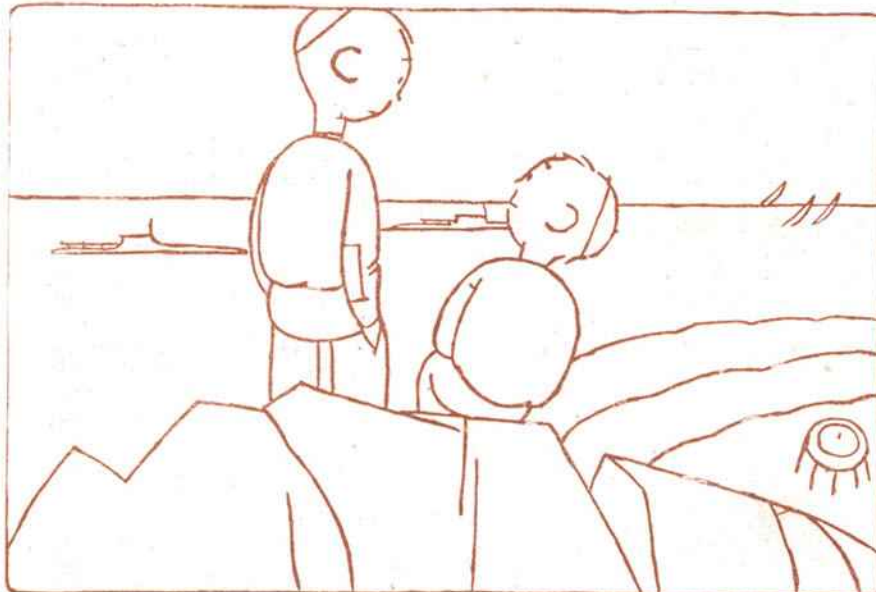
— Como se chama o homem que tem duas mulheres?  
— Bigamo.  
— E aquele que tem uma só?  
— Mono... mono... monótono.

fessores, igualmente lunáticos e distraídos e mergulhados, por igual, em leituras de alta ciência. Por fim, um deles, erguendo os olhos do livro, pergunta:

— Podia fazer-me o favor de me dizer que horas são?

— Hoje?... É quinta-feira... — respondeu o outro.

— Ah bem!... É mesmo nessa esta-



Duas crianças, vendo as manobras dos submarinos:

— E dizem tu que esses barquitos se metem debaixo de água?  
— Metem, sim... quando está a chover... para não se molharem!



ção que tenho de me aprear!... tornou o primeiro.

E voltou à leitura interrompida.

Certo padeiro comprava diariamente meio quilo de manteiga a um tendeiro seu vizinho, mas uma vez pareceu-lhe que na manteiga havia falta de pêso e, comprovada a falta, foi denunciá-lo.

Comparecendo o tendeiro ante o juiz, este perguntou-lhe:

— Tem balanças na sua loja?

— Sim, senhor.

— E pêsos?

— Não, senhor.

— Então, como pesava você a manteiga?

— Com meio quilo de pão que diariamente compro ao padeiro que me denunciou; assim, se há falta de pêso, a culpa é dêle, e não minha.

D. Leopoldina, encontrando a criada, que se despedira de sua casa na semana precedente, diz-lhe:

— Já sei que estás arrumada em casa de D. Cesarina Pereira. Nunca pensei que

conseguisses arranjar um bom lugar tão rapidamente.

— Mas, minha senhora, não me foi difícil. A minha nova patroa, quando me fui oferecer, disse-me: "Visto que pudeste servir dois meses em casa daquela mulher, deves ser um anjo. E' o melhor atestado. Ficas ao meu serviço".

À saída do teatro:

— Mamã, porque é que quasi tôdas as comédias acabam por um casamento?

— Porque é nesse momento, minha filha, que a tragédia começa.

O médico escrevendo o diagnóstico de uma carcassa muito pintada e presumida:



— Julga-se apto a tomar conta dum lugar em que tem de estar catorze horas por dia metido num armazem?  
— Se me julgo apto! Já estive oito anos preso...

— "Dôres de cabeça, ataques biliosos, nevralgias na nuca...". Que idade tem V. Ex.ª?

— Eu?... tenho vinte e quatro anos!...

O médico, continuando a escrever:

— ...perda absoluta da memória..."

Num tribunal:

O juiz, para o réu, com cara de poucos amigos:

— E' a décima vez que o vejo nesse banco.

— Senhor juiz — responde o réu em tom compungido — há oito anos que vejo V. Ex.ª sentado nessa cadeira, e nem pela cabeça me passa acusá-lo por isso.

Ajustando a criada:

— Sobretudo, gosto das coisas feitas depressa e a tempo e horas.

— Isso é a minha especialidade — assegurou a criada. — Na casa donde saí fazia as camas antes dos patrões se levantarem.

Numa rua de Lisboa:

— Olá! por aqui?

— Sim, meu caro patrício; casei-me há oito dias e vim passar a lua de mel á capital.

— E a sua mulher? Ficou no hotel, não?

— A minha mulher? Essa ficou lá na terra.



# LÁ SE VAI MAIS UM...

**C**Á está êle, o nó na garganta, êste nó que me sufoca, quando eu não posso chorar a minha dor.

Cá está, a marcar mais uma bola negra, na tabela do meu destino, no sacrário das minhas afeições.

Lá se foi mais um justo, mais um valente, mais um amigo sincero.

Quando hoje abri um jornal deu-me um baque no coração.

Saltou-me logo à vista o retrato do grande general que conheci, em tempos infelizes e trágicos, o general Garcia Rosado.

Como eu sofri, quando li a notícia da sua morte!

Quando cheguei da guerra — eu posso dizer que estive na guerra — trazia dois nomes comigo: o do meu Stélio que ficara num cemitério de Liège e o do general ilustre, agora desaparecido, que tão bom foi para a minha alma esfarrapada, e para o meu Marcelo — o soldadinho amador, sempre de barretina militar, e o peito carregado de botões de fardas e recordações da batalha do nove de Abril, que portugueses e aliados lhe davam.

■

Eu é que sei quanta bondade existia, no peito heróico onde agora o coração parou — êsse coração compassivo e atento, que o tornou o ídolo dos seus soldados, mas um ídolo de verdade, eleito por aclamação.

Eu é que o sei bem, porque vi. Eu posso afirmar que êle não era só um chefe para os seus soldados. Era também um pai extremoso, que à disciplina juntava o carinho.

Sabe tôda a gente — o *Diário de Lisboa* e o *Diário de Notícias* não há muito disso falaram — sabe tôda a gente que eu fui enfermeira dos prisioneiros do 9 de Abril, num hospital de Liège, o da Academia, que os recolheu devotadamente.

Pois o meu espanto foi grande, quando ao tratar dos nossos soldados, vi que todos tinham debaixo da almofada um retratinho do general Garcia Rosado.

E dêle me falavam com uma espécie de adoração e quási fanatismo.

Parece-me estar ainda a ouvi-los — briosos rapazes que, de olhos postos no altar da Pátria, ofereciam o melhor da sua vida, seguindo o seu grande comandante.

— "Aquilo é um verdadeiro chefe e tão bom para a tropa, tão bom, que até dava gôsto andar na guerra, com um patrão assim". Diziam alguns, na sua linguagem sincera e chã, com aquela almaninha aberta, sã e verdadeira da gente do povo, "que nada espera, pouco recebe e tudo dá..." esta gente portuguesa que sabe cantar assim a sua terra:

*No céu há uma janelinha,  
Vê-se Portugal por ela.  
Quando Deus se sente triste,  
Vai sentar-se junto d'ela.*

E, já agora, aproveito o ensejo, que é ao mesmo tempo ainda um preito ao brioso militar que tanto honrou o exército do seu país, para entrar no côro de protestos que os jornais da nossa terra levantaram contra êsse inglês que se gaba, num livro, de ter assassinado muitos homens.

Não duvido que nas suas vítimas haja alguns portugueses.

Mas que fôsse, como êle diz, por fugirem do campo da batalha, é que é uma refinada mentira.

Oficiais distintos, como tem o exército português, que os não há melhores em nenhum exército do mundo, não podem guiar poltrões, só valentes, como êles, que são o vivo exemplo da coragem, e da audácia lusa.

E ainda há mais argumentos para desmentir êsse autor, que ou é um acabado facínora ou então um ávido.

Se fugissem, como êle diz, não tinham as enfermarias belgas recebido tantos farrapos humanos, vindos dos cativeiros do inimigo.

Os portugueses preferem a honra de morrer lutando, às comodidades que a fuga lhes daria.

Eu não ouvi a êsses mártires do dever uma queixa sequer, e sofriam em silêncio as suas dores.

E se foram vencidos, não foi pela maior valentia ou coragem dos outros, foi pela força do número apenas.

O próprio inimigo reconheceu o arrego, a fúria heróica com que os nossos "serranos" lhe fizeram frente.

Uma derrota destas vale mais do que a vitória de muitos que atacam um só antagonista.

É por isso que o 9 de Abril há-de ser sempre a pedra branca que lembra uma contenda em que o prêmio do valor coube ao vencido.

■

Escusam de se cansar, os caluniadores, porque não conseguem apagar as vitórias de Portugal e dá-lo como co-barde.

Felizmente que êsses são poucos e tão inferiores e tão mediocrementemente inteligentes nos seus debates, que ninguém os acredita.

Os portugueses podem ser brigões, estouvados, pegar-se de razões, nem sempre com razão, uns com os outros, em família, mas falem-lhes na Pátria e verão como todos se põem de acordo, esquecendo rixas antigas, só pensando em defendê-la, se a atacam, em honra-la, se são chamados a entrar num prélio em território estrangeiro.

Não, que o português quer muito ao seu torrão natal. Podem dar-lhe piadas, arrelia-lo com remoques, às vezes só para fazer espirito.

Mas atreva-se um estranho a querer denegri-lo, e logo êle se levanta, indi-



General Garcia Rosado

gnado, a desafrontar a sua terrinha, que a não há mais linda, nem mais digna de respeito.

■

O general Garcia Rosado era um espoente máximo da lealdade e da bravura.

Quando chegou a Paris, depois do armistício e depois do repatriamento dos prisioneiros, vi também, nas cantinas de todos os quartéis onde havia soldados portugueses, o retrato do brioso chefe do C. E. P.

Aqui podia ser apenas uma questão de preito obrigatório, de inferior a superior.

Mas não era só isso, porque os que ali aquartelavam tinham as mesmas referências carinhosas para com o seu general.

Eu creio que nêsses retratos que os doentes guardavam tão preciosamente havia alguns que êles recortaram de jornais.

O que posso afirmar é que neste côro de benções não havia uma voz discordante, e tenho imenso prazer em pôr mais esta pedra no monumento de saúde que se ergue hoje em cada peito português.

Morreu o general Garcia Rosado!

É mais um que se vai... Mas, se pensarmos bem, foi encontrar-se com os grandes heróis da nossa História, e dar-lhes parte de que Portugal é hoje, mais do que nunca, uma Pátria que se orgulha de si mesma.

MERCEDES BLASCO.





lhe gabavam, a glória que a própria inveja celebrava em ódios, se todo o seu cérebro privilegiado não lhe soubéra ensinar a maneira de reter na vida

aquela que lhe dava sorrisos e fé — esperança e amor?!

Pobre d'êle, que blasfemava, e era mau então!

O seu primeiro filho, o seu único filho — aquele que todo o seu amor — a linda e santa mulherzinha que Deus lhe dêra, para tão depressa lhe levar — lhe legára ao passar-se para vida melhor, confiando o botãozinho de carne palpitante àquele por quem se finava duas vezes — na saúde e no sofrimento — o seu pequenino mundo de ternura e adoração — era um encanto, um mimo — um raio de sol em perfumes de suavidade angélica!

E êle gostava — só então se lhe desanuviava a fronte jovem e já encanecida — de se sentar em horas vagas de ocupações absorventes e balsâmicas para a recordação, a rir quando ria a boquinha minúscula e rosada, a mirar-se, a revêr-se nesses olhos puríssimos e luminosamente verdes, onde às vezes lhe parecia sentir ainda a alma que legára ao pequenino ser, tóda a beleza e tóda a vida.

Beijava-o, beijava-o em paroxismos de loucura, apertando-o ao peito com delírio, e, às vezes, quando despertava do seu arrebatamento, era para esconder o rosto enérgico entre as mãos, e chorar, chorar como a mais débil mulher, mas mais violenta, mais desesperadamente, em choro que lhe fazia mal, que lhe punha fel nos lábios e no que lhe dava ensejo de blasfemar, de ser mau, até... como se o demónio lhe gerasse aquelas lágrimas venenosas!

Pobre médico!  
De que lhe servira o saber que todos



Parecia uma criança, o senhor doutor grave e sisudo, a correr com o filho pelas casas, sem se deter mais que breves minutos em qualquer lado, a saltitar, a garrular como êle, num arremêdo gentil à criança linda que se lhe agarrava às pernas, a falar na mesma linguagem para melhor se entenderem, para melhor êle ser o papá querido daquêle bébé adorado...

A última mala fechada, num entrouxamento de roupa capaz de arreliar e fazer rir até às lágrimas a mamã — se ela pudesse vêr aquêles preparos — a maleta dos remédios preparada e tudo estava pronto para a viagem.

O peliz sorria...  
Então o médico parou; pegou-lhe ao colo, encostou o rosto ardente à cabeleira acariciadora do filhinho, a refrescar-se no avelludado das facesitas róseas e sãs, e confidenciou, alegremente.

— Vamos fugir, meu bein... Vamos esconder-nos do mundo, meu amor... o teu papá vai viver agora só para o bébé... para êle só... — que lá não há automóveis, nem telefones, nem muita gente, nem luxo, nem maldades... E' uma aldeia pequenina, escondida entre grandes serras que, à noite parecem feios papões, a meterem mêdo a meninos maus... Mas tu não terás nunca receio, que lá está o teu papá, só teu, para te livrar e guardar de tudo... de tudo, dos maus e dos bons, para viver sempre bem pertinho de ti, meu filho, meu lindo bébé loirinho!

E cobria de beijos fervorosos as covinhas rosadas e polpudas das mãos que lhe vinham afagar as rugas precoces, e beijando-as, era como se revivessem umas outras mãos esguias e delicadas que, um dia, se abandonaram aos seus lábios sequiosos de ventura.

Então, inebriava-se na sua momentânea e ridente felicidade, mas quando, horas depois, num pesado e ronco vagão do combóio, partia para a pequena aldeia, no fundo de serras que à noite pareciam papões, voltára a ter o seu rosto grave e taciturno, de médico atribulado e pungido sempre por eternos sofrimentos.

... iam alegres decorrendo os dias para o pai e para o filho, em correrias através dos campos, num júbilo prazenteiro e fresco.

O bébé arranjára companheiro — companheira aliás — uma garota da mesma idade, uma gorduchinha de olhos escuros, vivos, saloíta rechonchuda e engraçada que, ficava bem ao lado do esbelto menino da cidade, que se entretinha a pa-

## O MÉDICO E O DEVER

paguear com êle conversas indecifráveis, tão indecifráveis como os cantos das avezinhas suas irmãs, a garrularem no arvoredo...

E de todos os felizes dias ali vividos, havia sido sem dúvida aquêle, o mais feliz, o mais alegre, o mais esplendoroso para um papá que andára a correr por entre os pinhais com um bébé e um amigo do seu bébé aos ombros, a brincar, descuidado e radiante, sem vêr a nuvem negra que ia avançando no céu tumultuoso da sua vida açoitada pelas tempestades da dor.

O bébé risonho, o bébé tranquilo — que ali estava o seu papá para o guardar de tudo — de tudo... O bébé deitado na caminha fresca, adormeceu calmamente como um anjinho do Senhor, e o pai verificando mais uma vez a segurança do filhinho, foi deitar-se na cama do quarto contíguo, cuja porta aberta lhe deixava perceber os mínimos ruídos vindos da alcôva da criança.

Rodavam lentos, seguros, os ponteiros do relógio que o tempo fazia mover...

O médico acordou sobressaltado, deserto por um ruído estranho, como que um gorgolejar alfitivo que vinha do quarto do lado.

Estremunhado ergueu-se, apurou o ouvido, perplexo, e logo, dum assustado salto se ergueu, riscando lesto um fósforo e correndo para o quartinho do filho, foi imobilizar-se junto do leito. Bébé estava acordado, olhos desmedidamente abertos, mãos enclavinadas, contorcidas, e a bôca escancarada, deixava sair êsse silvo apavorante que ia direito ao coração do pobre pai.

Foi tão grande a angústia que o empolgou, que o fósforo se extinguiu sem que êle se movesse do mesmo sítio, despedaçado sôb o pêso da esmagadora fatalidade.

Esse filho, ainda há tão poucas horas, alegre e cheio de vida, estava ali, presa da terrível difteria — o aterrador fantasma que dementa os pais, — o garrotinho!

Podia lá ser!  
Ah! podia! podia! porque continuava e cada vez mais oprimida a respiração da criança enferma, cujas mãozinhas iam confiantemente dantes, e agora, num desespero inconsciente, buscar as do pai, — dêsse pai que o livraria de tudo, de tudo!

Finalmente, recuperou as suas faculdades.

Acendeu um candieiro de petróleo e correu a buscar a maleta dos remédios. Abriu-a.

— Um rótulo... um só sóro! Que imprudência! Mas podia lá prevêr esta catástrofe! E se se quebrasse o tubo? O meu filho!

Começou a arranjar a seringa, a dispôr tudo para prestar ao filhinho os primeiros socorros, quando a aldraba da porta soou com desusado estrepito.

O médico estremeceu. Não podia perder tempo agora, que êle era a vida do seu bébé.

Mas as pancadas repetiram-se mais insistentes, violentas, tão alfitivas, que êle julgou ouvir nelas um apêlo ao coração amantíssimo.

Quando ia começar a descer a pequena escada mal segura que conduzia ao andar inferior, já porta fôra aberta, decerto pela criada desperta em sobressalto, e subia ao seu encontro uma pobre mulher envolta num velho chaile, o qual êle imediatamente reconheceu.

Era a mãe do bébé gorducho que horas antes brincava com o seu filho agonizante.

Extático, viu a infeliz lançar-se-lhe aos pés, abraçando-lhos com delírio, a soluçar.

— Senhor! Senhor! Senhor doutor! Salve-me a minha filhinha! Salve-me, senhor doutor! Tenha piedade!

O tubo de prata e o do sóro tremiam nas mãos do médico que dominava a sua própria dôr para tranquilizar aquela pobre mãe desvaída.

— Sosssegue, mulher! Que tem a sua filha?

— Garrotinho! Garrotinho! Não pode respirar! Salve-me, senhor doutor!

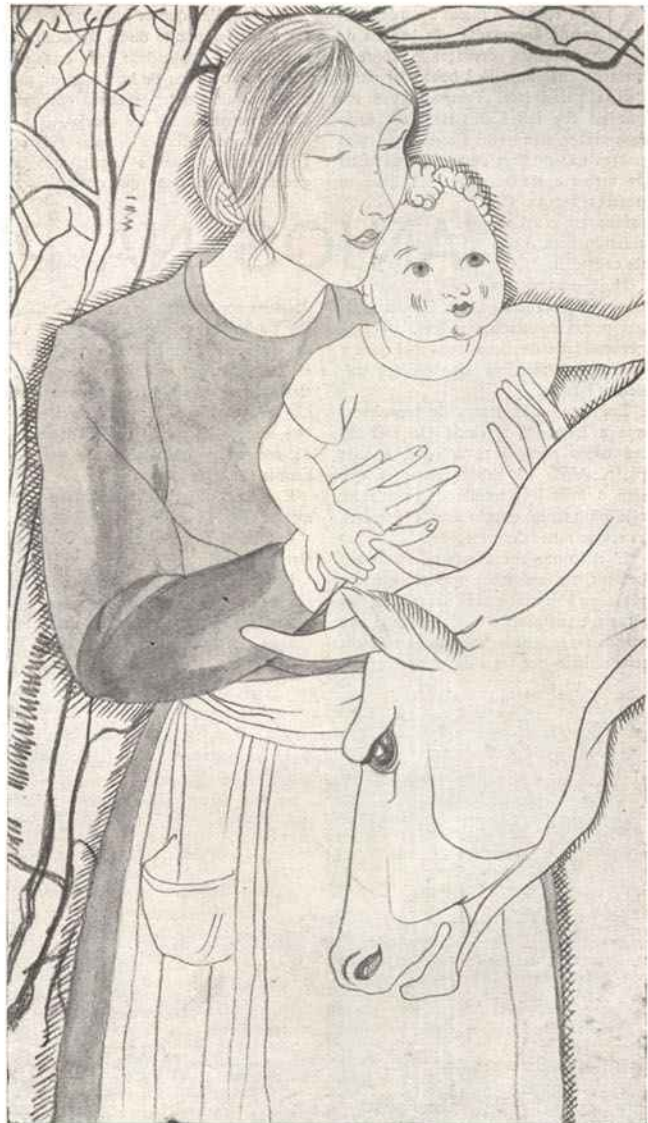
O médico foi sacudido por um brusco estremeção dos pés à cabeça e repeliu quasi com fúria a desditosa mãe que lhe prendia os movimentos e continuava a implorar.

— Piedade! Salve a minha filhinha!  
— Cale-se, mulher! Que me importa a sua filha? Também o meu filho está atacado! Só dêle posso tratar! Ou julgava que ia deixar morrer o meu bébé louro para salvar o seu!? Que môra, môra, mas que se salve o meu! — gritou num selvático gesto.

A infeliz ergueu-se, pálida, arquejante, sem forças para pedir a vida para o filho àquêle homem que sabia o que era amar. Viu o médico inclinar-se sôbre o leito do doentinho e então, soltando um dilacerado brado rolou pelas escadas abaixo...

— E depois? — inquiriu com susto, a suster as lágrimas rebeldes — Como acabou essa triste história?

— Mais tristemente ainda! Quando a



pobre mulher voltou a si, sua filha gorduchinha voltava a sorrir alegre e descuidada como antes daquela horrível doença a ter atacado... Mas um caixaõzinho branco, diminuto, coberto de rosas por uma mãe alanciada de remorsos e louca de alegria, desceu ao fundo do coval triste que ia guardar avaro o pobre bébé lourinho...

Soluçava.

— E o médico?

— O meu pobre amigo, na manhã se-

guinte, tinha a cabeça completamente branca... Envelhecera tóda a vida? Dias depois, encontraram-no morto sôbre a cama do filho.

- Suicídio?
- Não! Clemência divina!
- Pobre médico! Pobre pai!
- Pobre martir!
- Era um eleito de Deus! Está no céu com o seu lindo bébé lourinho!

ODETTE PASSOS DE SAINT-AURICE.





NESTA época de praias é verdadeiramente encantador vêr bandos de criancinhas, esvoaçando sôbre a areia ou chapinhando à beira mar numa delícia paradisíaca. Tempo houve em que só aos filhos dos ricos era dado êsse prazer, atendendo a que os pais dos pobres não podiam deslocar-se por falta de meios e ainda porque não podiam perder tempo, tão exíguo era o salário auferido para o pão de cada dia.

Hoje — valha-nos isso — já não sucede assim. Encontramos nas praias criancinhas pobres, graças à generosidade de quem contribui para a benemérita iniciativa das colónias balneares infantis.

Em face disto, temos de reconhecer que a humanidade ainda não está tão má como para aí se apregoa, a cada passo. Ainda há almas generosas que sem o mais leve intuito de ostentação, auxiliam, tanto quanto lhes é possível, as criancinhas desprotegidas.

E' claro que apenas nos referimos aos beneméritos anónimos que não querem vêr o seu nome incensado nas colunas dos jornais, e cumprem o salutar preceito que manda fazer o bem "sem que a mão direita saiba o que faz a esquerda".

Para aquêles que se mostram generosos à luz fulgurante duma tão ôca quão encomiástica publicidade, para êsses não vai o nosso preito de homenagem, porque já o devem ter recebido por parte dos números leitores das gazetas.

Dissertando sôbre a esmola, dizia um velho patriarca duma aldeia trasmontana que a ninguém tinha que dar satisfação

dia, quando essas almas compareçam perante Deus, para o devido saldo de contas, Deus lhes dirá: — E' certo que fizeste bem, mas como foi feito alarde em volta da tua boa acção para que todos os que o soubessem te rendessem os louvores desejados pela tua vaidade, deves dar-te por suficientemente recompensado. Nada tens a receber, portanto.

Tinha razão o íntegro patriarca trasmontano. Assim viveu e assim morreu sem ter mostrado

nunca uma parcela que fôsse do livro "Caixa", da sua generosidade. Lá no céu, para onde deve ter ido direitinho, as suas contas foram saldadas por uma comissão liquidatária que Deus nomeou entre os seus anjos.

Bem hajam, pois tôdas as boas almas que se empenham a fazer o bem sem réclamo!

Ao vermos essas criancinhas pobres, chilreando alegres como pardalitos, através da areia, bendizemos os seus benfeitores anónimos, mas só os anónimos.

Também, atendendo a que êsses pequeninos entes ainda não sabem lêr o suficiente para pegar em jornais, os nomes dos seus benfeitores não chegaria a êles, por maiores que fôssem a letras em que viessem publicados.

## ANJOS NA PRAIA

das suas acções generosas, senão a Deus. Do muito que dava, falava-se de vez em quando, por indiscreção dos beneficiados. Mas logo o velho patriarca declarava que devia haver engano, pois não se recordava de ter dado fôsse o que fôsse a tal ou tal família necessitada, mesmo porque ignorava a sua aflitíssima situação.

E voltava, como sempre, à sua catequese:

— Que terão as almas caridosas que alardear o bem que fazem?

Por estarem dentro do princípio que nos indica que "quem dá aos pobres empresta a Deus"? Seja assim. Mas, um

*O banho dos anjos — Gravura de Bartolozzi*





# FIGURAS E FACTOS



**Homem Cristo**, o terrível polemista, prossegue infatigavelmente as suas «Notas da minha vida e do meu tempo». É já o 5.º volume. Esta obra, além do seu brilho literário, tem o raro valor de conter preciosos elementos para a História que deve ser imparcial, inexorável e justiceira



**Luiz Teixeira** acaba de publicar, uma elegante *plaquette*, Figuras e episódios do «Leão de Ouro» — legenda literária que pronunciou na noite de evocação d'este glorioso estabelecimento. Meia dúzia de páginas que nos deliciaram a alma



**José Luiz Ribeiro**, o professor poeta publicou num elegante volume a biografia de *João Maia* — um desbravador de cérebros — o saudosos pedagogo que durante 37 anos exerceu as suas beneméritos funções na Escola Central n.º 1. Encantadora leitura que nos fez ter saudades dos tempos idos!



As festas da Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos pescadores, na Costa da Caparica, revestiram o maior brilhantismo e impeniência. Há anos que não se realizavam, devido à pesca ter sido pouco rendosa. Dai talvez o entusiasmo obliido. A nossa gravura apresenta o tradicional andor de S. Pedro, com os pescadores, seguindo em procissão triunfal. Nessa festa manifesta-se em tôda a sua grandeza ingénua e humilde a alma dos pescadores, dignos descendentes dos seus maiores



A Moita embandeirou também em arco com as festas da Boa Viagem que atraiu milhares de forasteiros àquele pitoresco rincão e que voltaram radiantes, pois tudo decorreu com o costumeado brilhantismo



No Palácio de Cristal, no Pôrto, realizou-se com grande brilhantismo a cerimónia da entrega e bênção da bandeira da Brigada Naval. Assistiu numeroso público notando-se a presença de muitas senhoras e figuras destacantes no meio social. A gravura mostra a celebração da missa campal que se realizou



O Chefe do Estado em frente da artística fonte pública que o sr. dr. Eurico Lisboa construiu na sua propriedade do Casal de S. José, na Bafureira, próximo da estação da Parede. Esta água foi descoberta há doze anos, acabando o sr. dr. Eurico Lisboa, após ter mandado proceder a minuciosas análises bacteriológicas, por aceder em pó-la à disposição do público. O Chefe do Estado fez votos sinceros pelo êxito de tão importante trabalho como digna recompensa do esforço dispendido pelo ilustre clínico. Encontravam-se ali também os srs. tenente-coronel Lobo da Costa, dr. Júlio Dantas, dr. Ferreira de Mira, dr. António Centeno, dr. Cortez Pinto e outras individualidades em destaque





O campeão de Portugal, Manuel Oliveira, salta a rede no Estoril, 6,66, o melhor resultado da época

A actividade da quinzena desportiva em Portugal convergiu principalmente para as diversas competições dos Jogos Desportivos Nacionais ainda em curso no Estoril, e cujo programa abrange a quasi totalidade dos desportos praticados em Portugal, com excepção dos grandes jogos em campo e da patinagem.

Organizados sob o patrocínio da Sociedade Estoril e da Propaganda da Costa do Sol que os dotaram generosamente de prémios dum valor não habitual nas competições desportivas, organizados tecnicamente por *Os Sports* com o escriptulo e cuidado que são timbre de todas as suas intervenções, os jogos pareciam de antemão destinados ao mais completo êxito.

Nunca em Portugal, desde os tempos já remotos dos Jogos Olímpicos Nacionais e da Sociedade Promotora de Educação Física, se levára por diante organização de conjunto com tamanha amplitude e capaz de interessar tão variada massa de praticantes; as agremiações desportivas acorreram prontamente à chamada e a inscrição reuniu mais de quarenta, entre as quais se encontravam todos os clubes de renome lisboetas, representados por setecentos desportistas, também o escol da população praticante da capital.

Infelizmente, para que o triunfo fosse absoluto, faltou a presença do público. Desde a tarde da abertura oficial, a que presidiu o sr. Presidente da Re-

pública, as provas disputam-se com entusiasmo inexcédível, quasi tódas a um nível técnico apreciável, mas perante as bandadas vãs ou escassos grupos formados pelos próprios concorrentes a outras modalidades.

Êste desinteresse popular deve ter sido para os organizadores amarga desilusão; alheamo-nos nestas considerações do aspecto financeiro do problema, tanto mais que não era o lucro o objectivo dos Jogos, mas sim a divulgação do desporto aliada à propaganda dum das nossas mais encantadoras regiões turísticas, mas é de facto desolador verificar que após tantos anos de campanha, escrita, oral e de facto, em prol da divulgação desportiva, uma organização do vulto dos Jogos Nacionais, mesmo com o apoio franco das colectividades mais populares, passa na mais completa indiferença do público.

Que ânimo fica, depois d'êste fracasso,



Os corredores que participavam na prova ciclista dos Jogos Desportivos Nacionais, o vencedor é o segundo da primeira fila, remarcando da esquerda

## A QUINZENA DESPORTIVA

para novos empreendimentos? Quem osará lançar-se em arriscadas organizações — aquelas que os conselheiros Acácios do desporto preconizam nos seus escritos sem explicar como hão-de ser realizadas — sabendo antecipadamente o prejuizo que colhera?

Nêste caso dos Jogos Desportivos temos ainda dois pontos diferentes a considerar; o primeiro diz respeito às considerações onerosas de deslocação do público e pode constituir uma atenuante à sua ausência; o segundo refere-se à população veraneante do Estoril e arredoras, cujo desinteresse à imperdoável.

Temos forçadamente que reconhecer o custo elevado do transporte pelo comboio, agravado ainda pelos preços escaldantes das entradas nos recintos de provas; para o espectador residente em Lisboa a deslocação para presenciar os jogos era pesada, e as entidades promotoras andaram mal — mal, contra os seus próprios interesses — não criando para estas circunstâncias um bilhete de tarifa especial onde fosse incluída a entrada no recinto de provas.

Para as pessoas residentes no Estoril e praias vizinhas, locais onde nesta época se reúne a classe social que se julga seleccionada, as condições divergem inteiramente e o seu alieamento das diversas manifestações do torneio traduz uma mentalidade extranha; verifica-se, afinal que apesar dos esforços de muitos anos, as preferencias da mocidade portuguesa se dirigem para os casinos e chás dançantes, em detrimento das exhibições viris do desporto ao ar livre.

Eis mais um precioso ensinamento que nos veio trazer a organização dos Jogos pondo em evidencia quanto trabalho persistente será ainda necessário para criar na nossa gente o espirito despor-

tivo que exalta e valorisa as raças em via de ressurgimento.

O ciclismo e o atletismo foram as primeiras modalidades a concluir as suas provas.

A corrida de bicicletas, num percurso de setenta quilómetros, foi reservada aos ciclistas amadores e proporcionou ao Sporting a sua primeira vitória por intermédio de Tílio Pereira que dominou nitidamente todos os adversários no final da prova.

A equipa amadora do club dos «leões» confirmou, assim, no momento mais oportuno, a superioridade individual e de conjunto demonstrada no decurso da temporada e cuja afirmação mais eloquente foi, talvez, a vitória alcançada no circuito de Aveiro onde quatro amadores sportingistas bateram os adversários por sete minutos e gastaram, no mesmo trajecto, cinco minutos menos do que os «azes» da categoria dos independentes.

Idêntica afirmação pode repetir-se a propósito do torneio atlético, no qual a falange do Sporting conquistou novo triunfo, seqüência lógica da vantagem sempre mantida em tódas as competições regulares da época. Depois duma primeira jornada embaraçosa, na qual os representantes do Benfica lograram quatro pontos de vantagem, os homens de «verde e branco» recompuzeram-se no dia seguinte e chegaram ao fim do torneio com 17 pontos à maior.

Apezar das péssimas condições do terreno, adaptado pelo arranjo exaustivo dum campo de «football» absolutamente impróprio para a prática de qualquer desporto e muito menos do atletismo, o brio dos competidores excedeu a expectativa e alguns resultados mereceu arquivo.

Herculano Mendes lançando o disco a 40<sup>m</sup>,28 e Manuel de Oliveira saltando 6<sup>m</sup>,66 em comprimento conseguiram os melhores resultados da época; os 11,1 s. de Alves Pereira e Fernando Ferreira nos 100 metros, sobre uma pista que imitava na perfeição um terreno lavrado traduzem incontestável atestado de bons corredores de velocidade. Estes são factos de mérito absoluto, mas entrando em conta com a relatividade de circunstâncias, seria in-

justo omitir as provas de Glória Alves, especialista de velocidade prolongada que será o campeão de amanhã; a revelação como saltador habilidoso do jogador de football Espírito Santo, a reaparição sensacional de Manuel Dias ganhando a corrida de obstáculos, as brilhantes vitórias do Sporting nas emocionantes corridas de estafetas ou a animação e progresso das competições femininas.

Serviu êste torneio de encerramento à actividade anual do atletismo em pista, à qual consagraremos uma das nossas próximas crónicas; seria exagêro afirmar que fechou com chave de ouro, mas fica nos a impressão final lisonjeira dum progresso incontestável, de melhoria geral tanto em profundidade como em superficie, a assegurar o ressurgimento da modalidade após um período de crise resultante dos erros dos dirigentes. Aguardemos confiadamente o futuro.

Morreu inesperadamente na Suíça, no dia 3 do mês corrente, o barão Pedro de Conberntin, criador dos Jogos Olímpicos Modernos.

É uma grande figura do desporto internacional que desapareceu apagadamente, perdida na atmosfera de ingratidão humana, tão pronta a esquecer os promotores de qualquer obra triunfante para seguir no rosto das glórias nascentes.

Pedro de Conberntin, cuja situação nos últimos anos de vida se tornara muito precária, acompanhou sempre espiritual-

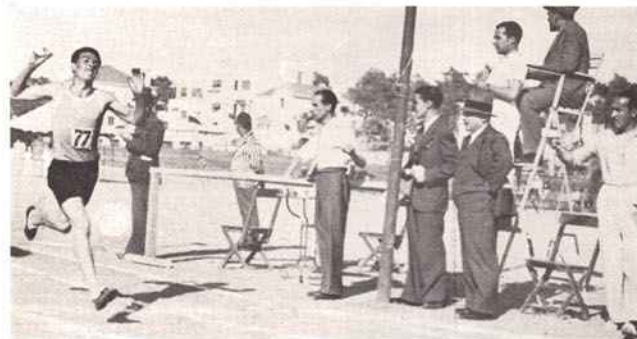


Manuel Dias reaparece na pista, vencendo os 1.000 metros com obstáculos, nos últimos dias da época

mente o organismo que fundara e consagrava os poucos recursos de que dispunha a frequentes visitas a Lausana, onde está instalada a sede do Comité Olímpico.

Desde que pedira a demissão da presidência d'êste organismo, em 1925, o barão de Conberntin afastara-se por completo de qualquer interferência pública nos negócios olímpicos, abrindo excepção há cerca de um ano, após os Jogos de Berlim para afirmar a certo jornalista intrevistado a sua discordância com o rigorismo da lei de amator olímpico, declarando-a contrária aos seus propósitos de iniciador.

SALAZAR CARREIRA.



O belenense Manuel Nogueira, corredor invencível em meio fundo ganhou no Estoril as corridas de 1.500 e 5.000 metros



## BRAGA E SEUS ARREDORES

ESCREVER sobre Braga é extremamente difícil pois as mais brilhantes penas de Portugal, têm escrito páginas admiráveis, sobre esta cidade elevando-a uns às maiores alturas, ridicularizando a outros, segundo as suas simpatias ou antipatias.

Braga é sem dúvida uma interessantíssima cidade, que tem um encanto muito especial, o encanto da antiguidade, que a torna uma verdadeira exposição de arquitectura portuguesa com os seus inúmeros palácios que pertencem ou pertenceram às mais nobres famílias do nosso país.

Tem uma religiosidade que as suas magníficas e numerosas igrejas, demonstram, assim como a sua linda Sé, tão antiga, que o povo quando quer demonstrar a muita idade de qualquer coisa diz: «tão velha como a Sé de Braga». Essa religiosidade mantida por um povo convictamente devoto, faz de Braga a Roma portuguesa.

E, no entanto, Braga, a cidade dos velhos solares, a cidade das antiquíssimas igrejas, da célebre Sé, é uma cidade progressiva com uma grande compreensão da vida moderna e com um amor notável a tudo o que é avanço.

Braga, a pitoresca cidade dos solares antigos e das igrejas de há séculos, tem eléctricos melhores que os de Pau ou mesmo de Bordeus, tem cafés nas suas arcadas que pela animação e apresentação estão a par dos cafés das grandes cidades, lojas onde se encontra tudo o que é necessário à vida e rasgadas avenidas, ladeadas de esplêndidas casas e esmaltadas por palácios e igrejas, que num contraste com as modernas construções realçam a sua beleza e o seu encanto.

A mulher do Minho é por tradição elegante e bonita, desde a camponesa com os seus variados trajes regionais, que de freguesia para freguesia variam, numa rivalidade de graça e beleza, que a formosura da minhota realça, até à fidalga de séculos de pergaminho, que mantém com a sua distinção e encanto, a fama que a auréola. A mulher tem nesta província uma beleza, que Ramalho Ortigão soube exaltar como ninguém nesse mimo de literatura, que são as «Farpas».

As senhoras de Braga, pela sua beleza e elegância mantiveram sempre à sua altura as tradicionais fases da vetusta e lindíssima cidade.

O Bom Jesus com a sua frondosa mata cuidadosamente tratada, é sem dúvida, um ponto esplêndido, para um repouso que dê o equilíbrio aos nervos cansados, daqueles a quem a cidade esgota na sua agitação de todas as horas.

Mas Braga não tem só o Bom Jesus tem também a Senhora do Sameiro com a sua montanha dominadora da qual se disfruta um panorama vastíssimo, onde a água cristalina e a

pureza do ar fazem reviver os que em religiosa peregrinação visitam a montanha soberba.

Os arredores de Braga como a cidade, são povoados de palácios antigos e palacetes modernos, que tanto uns como outros têm o cunho de grandeza e luxo.

Mas o que mais surpreende é o antigo paço de Palmeira, pertença que foi dum dos Meninos de Palhavã, D. José de Bragança, que foi arcebispo de Braga, primaz das Espanhas e que construiu à beira do Cávado, esse poético rio de lindas e lípidas águas, esse palácio, que tinha caído em decadência, e, que o capricho dum milionário inglês, tornou em pousada de grande luxo, onde se encontram todos os requintes do modernismo luxuoso, perdidos no meio da mais completa rusticidade aldeã e que nos surpreendem ao tomar por um caminho de aldeia.

É dessa moradia onde o modernismo até um «bar» ultra-moderno instalou e que é verdadeiramente uma anomalia no antigo paço episcopal, passamos à mais rústica paisagem que maior se torna esse contraste sobrefeito, quando se passa para um ambiente tão diferente como me sucedeu num delicioso passeio feito há dias, em que do modernismo de Palmeira, passei para a paz incomparável da mata formosa de Zibães o antigo convento Beneditino, que há um ano me encantou e subjugou numa primeira visita.

Encanto que esta segunda visita aumentou ainda mais, talvez pelo choque do contraste do luxo moderno com a paz sóbria e antiga duma vasta moradia conventual e serena.

Esse choque do antigo e do moderno que numa cidade como Braga arquitectural e velha, mas com o conforto moderno, que numa rua estreita com os seus velhos palácios, os seus nichos onde as almas do Purgatório imploram as orações dos transeuntes, nos mergulha em plena Idade Média e que uns passados andados nos mostra uma ampla avenida, que eléctricos e automóveis cruzam em rápido andamento, é pode dizer-se um choque agradável, é uma continuação de vida, é um eternizar o passado ligando-o à vida presente, é uma continuação do que foi com o que hade ser que vivifica e que enraiza mais o passado, tornando-o presente.

Mas na calma paisagem minhota o «bar» é um desagradável contraste, que embora agrade aqueles que da vida têm apenas o sentido do modernismo e da vida de hoje, estraga o ambiente tão suave do passado, que em toda a província do Minho se respira.

Na paisagem soberba dos arredores de Braga cai melhor na alma a evocação do passado, que nos trás a tranquila e linda mata de Zibães, o seu jardim antigo de soberbos buxos, admiravelmente conservados e aparados.

A Arcada As águas cantantes que de fontes de pe-



Sé de Braga

dras lavradas, caem numa continuada canção tão suave e plangente como o canto das naiades nos bosques do Olimpo, fazem um acompanhamento doce aos pensamentos elevados que nos assaltam.

A mata frondosa de tão variados verdes, o seu lago tão calmo, no meio da verdura que o emoldura, as veredas por onde evocamos as figuras dos frades, envoltos no seu sombrio hábito, em meditação profunda, ou em continuada leitura, a que tão dados são os filhos de S. Bento, é dum profundo encanto. Tudo respira a paz na frondosa e linda mata de Tibães junto do antigo convento e da monumental igreja e tudo nos convida a elevar o espírito para mais altas regiões.

A vida é feita de contrastes, o mundo de ontem e o mundo de hoje chocam-se continuamente, umas vezes numa fusão de simpatia, como na velha cidade de Braga, em que ruas velhas e ruas novas se juntam e se ligam numa continuidade, que se completa, palácios de há séculos visinham com palacetes modernos, numa simpática descendência de avós para netos.

A vida continua, a vida modifica-se e não pode estagnar como um pântano, a impetuosidade que a impele, não pode ser como essa loja de sapateiro, da rua do Souto, que nada tem nos seus armários de há séculos e que se mantém nua e deserta para dar a ilusão a um casal de velhos, tão velhos e rabugentos, de que ainda têm negócio, quando tão próximo as elegantes montras de modernas sapatarias, mostram os inúmeros e mais modernos modelos que a moda lançou.

Tudo é preciso e tudo faz falta, quem sabe se até esse antipático e pequeno «bar» do Paço da Palmeira que contrasta tão fortemente com o ambiente delicioso dos jardins e com as águas correntes do Cávado não era preciso ali, para no choque inesperado com certos ângulos da vida moderna, nós podermos sentir melhor a paz da vida antiga e o encanto do passado.

Tudo tem um fim, tudo tem uma utilidade, qual ela é, nós não sabemos, nós nada sabemos e, temos apenas que admirar, que observar e que constatar comparando e escolhendo aquilo que mais nos agrada e que melhor se adapta à nossa maneira de sentir.

O que temos de concordar é que a beleza existe e guarnece o mundo com uma face, que se renova, com as épocas que atravessa.

É uma das melhores provas que temos é Braga a vetusta cidade, que se moderniza e os seus arredores tão lindos, tão cheios de imprevisito e de encanto, e que modernizados, ou conservando o cunho sério e antigo, são sempre duma soberba beleza que encanta os que têm a fortuna de os visitar e de os admirar.

MARIA DE EÇA.





## Festas de caridade

EM COLARES

Com uma enorme e selecta concorrência, composta não só de famílias que se encontram veraneando em Colares, Praia das Maças e Sintra, como dos arredores, realizou-se na noite de 11, dia e noite de 12 do corrente, na esplanada da Adega Regional de Colares, cedida gentilmente, uma festa de caridade, cujo producto se destinava a favor da benemérita instituição do Preventório de Colares, a qual constou de «Arraial popular» e de uma «ginkana» infantil na tarde de 12, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: D. Alice Capelo de Moraes, D. Amélia de Carvalho Maia, D. Beatriz Telo de Magalhães Colação, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, condessa das Antas, condessa de Castro, condessa de Mangualde, condessa de Murça, condessa de Seixal, condessa da Torre, condessa de Vale do Reis, D. Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, D. Helena Maupeyrin Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel Lobo Antunes Santos Moreira, D. Josefina de Canto e Castro Salema, D. Livia Street Braancamp de Melo Breyner, D. Maria Amélia Tamagnini Alves da Fonseca, D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Ana Machado de Castelo Branco Berquó; D. Maria do Carmo Maziotti França, D. Maria da Conceição Machado Pizarro de Melo, D. Maria Emília Machado Mendes de Almeida, D. Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, D. Maria Izabel de Moraes Sarmento, D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro, D. Piedade Lobato de Melo, D. Rafaela Tota, D. Raquela Andresen da Costa Perestrelo de Vasconcelos, viscondessa de Pernes, viscondessa de Taveira e D. Vitória Velso Salgado.

Todos os divertimentos do «Arraial» fizeram ótimo negocio, tendo a «ginkana» decorrido com verdadeiro entusiasmo.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto mundano, como financeiro.

## Casamentos

Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Alice Maia Seára, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Maia Seára, já falecida e do sr. Daniel Joaquim Seára, com o sr. José Maria Cruces de Barros, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Cruzes de Barros e do sr. Domingos Alfredo de Barros, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Antónia Maia Seára, irmã da noiva e D. Maria José Girão de Barros e de padrinhos o irmão da noiva sr. António Maia Seára e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido numa residência da Avenida 5 de Outubro, oferecido pelo pai da noiva, um finíssimo lanche, da pasteleria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para Montemor-o-Novo, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lucília Brito da Silva Leal, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lucília Brito da Silva Leal, e do sr. dr. Pavão Leal, com o sr. dr. Mário Vieira de Miranda Monteiro, filho da sr.<sup>a</sup> D. Antónia Miranda Monteiro e do sr. dr. Mário Miranda Monteiro, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pasteleria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, celebrou-se na paróquia de S. Domingos de Benfica, presidido pelo prior da freguesia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Barbosa de Faria Estácio, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Leonor Barbosa Estácio e do sr. Emilio de Faria Estácio, já falecidos, com o sr. Carlos Augusto Marques, filho da sr.<sup>a</sup> D. Justina Augusto das Dores Pereira Marques, já falecida e do sr. Carlos Maria

Marques, antigo administrador da Companhia das Lezírias, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Amélia Borges de Sousa de Faria Estácio, cunhada da noiva e D. Maria Eduarda Queriol Marques, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. major Augusto de Faria Estácio, irmão da noiva e engenheiro Eduardo Augusto Marques, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos noivos, se-

— Celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Aida da Silva Mateus interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Andrade Silva Mateus e do sr. António Maria Rosa Mateus, com o sr. Fernando José Magalhães, filho da sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Magalhães e do sr. José Magalhães, servindo de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Henriqueta Oliveira Mateus e D. Maria Furriel e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Eduardo Furriel, presidindo ao acto o reverendo Esteves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os

noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Porto, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo prior monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se com extraordinário brilhantismo, na paróquia de Santa Maria de Belém, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria Berneaud Caiola, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Marieta Emília Berneaud Caiola e do nosso presado colega na imprensa e director geral interino da Agência Gural das Colónias, sr. Júlio de Almeida da Gama Lobo Caiola, com o sr. Jean Henry Bonneville, filho da sr.<sup>a</sup> D. Margarida Queriol Macieira e do sr. António Bonneville, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio materno do noivo sr. dr. Luís Queriol Macieira.

Finda a cerimónia, durante a qual o grupo coral da Catequese da freguesia de Santa Maria de Belém, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, com acompanhamento de um quarteto de corda, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua de Pedrouços, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Ana Miguel Faustino, esposa do sr. António Faustino, foi pedida em casamento para seu filho Manuel, a sr.<sup>a</sup> D. Magda Odete de Freitas, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Hortência Alcântara de Freitas, já falecida e do sr. Diamantino Duarte de Freitas, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Para seu filho Manuel foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Ana Miguel Faustino, esposa do sr. António Faustino, a sr.<sup>a</sup> D. Magda Odete de Freitas, interessante afilhada da sr.<sup>a</sup> D. Hortência Alcântara de Freitas, já falecida e do sr. Diamantino Duarte de Freitas, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

D. NUNO.

## VIDA ELEGANTE

guindo estes, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Perez Alban, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Arcelina Perez Alban e do sr. Jesus Perez Orge, com o sr. Manuel Vilan Miguez, filho da sr.<sup>a</sup> D. Soledad Miguez Vilan e do sr. Francisco Vilan Lamas, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Laura Andjon Duran e D. Aldina Vilan Miguez, tia do noivo e de padrinhos os srs. Manuel Perez Alban, irmão da noiva e José Miguez Vilan, tio do noivo.

Serviram de «damas de honor» as sr.<sup>as</sup> D. Maria Manuela de Carvalho Iniguez e D. Maria da Conceição Pereira Vilan.

Terminada a cerimónia foi oferecido pelos pais da noiva, um finíssimo almoço, no salão do restaurant do Café-Tavares, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na capela do Palácio dos srs. condes de Valenças, celebrou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Izabel, com o sr. João de Sampaio e Castro Cunha da Silveira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Francisca Dart de Castro Cunha da Silveira e do sr. dr. Cunha da Silveira, já falecido, servindo de madrinhas a sr.<sup>a</sup> condessa de Nova Gôa, e a mãe do noivo e de padrinhos os Luís Hintze Ribeiro Jardim e José Sampaio e Castro Cunha da Silveira, presidindo ao acto o prior da freguesia da Lapa, monsenhor dr. Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa do palacete dos pais da noiva um finíssimo lanche da pasteleria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Palace do Busaco, onde foram passar a lua de mel.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Alice Maria Seára, com o sr. José Maria Cruces de Barros, celebrado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos, com a família e convidados





que se o deve impressionar, pelo seu talento, a sua ousada elegância, tem uma certa influência no sentir do público admirador. A artista lança a moda e a moda ousada.

E evidente, que a senhora que vive num recatado meio, não pode vestir da mesma maneira, embora seja muito elegante, porque é natural que a mulher não renuncie à elegância, seja qual for a sua situação, a elegância é um direito feminino.

Ha muitas senhoras, que deliram com as modas do cinema, com os penteados dos artistas, com o seu calçado, e mesmo que essas artistas sejam como supponho que são, pessoas muito de bem, as suas modas nem sempre são adaptáveis ao país e ao meio com que as senhoras vivem. Porque na moda deve haver sempre uma certa adaptação ao país e ao meio, o que fica muito bem num país, noutro é ridiculo e o que se admite num certo meio, noutro fica mal.

A senhora elegante, que quer vestir bem tem de ser dum grande simplicidade e sobriedade, dama escolhida, para que possa realizar a sua ideal de distincção elegante que é uma nota tão interessante e fácil de realizar.

E para as suas filhas, a senhora que marca pela sua distincção deve fazer tambem uma escolha cuidada. Nada mais ridiculo do que ver uma rapariga nova excessivamente pintada e com espantosas «toilettes».

A simplicidade é quasi obrigatória na «toilette» da juventude e a rapariguinha simplesmente vestida torna-se mais notada do que aquela que pretende chamar a atenção pela sua espantosa «toilette».

Ainda há pouco num local em que havia imensas meninas e «toilettes» muito «chics» chamava a atenção uma menina dos seus quinze ou dezasseis anos, que não estragava a sua frescura com pinturas, a sua cabeça não conhecia a permanente, duas formosas tranças ornamentadas simplesmente e tocavam-na ricamente, um simples «toilette» de linho branco, com uma bluzinha azul pastel aberta no pescoço e um grande chapéu de polha.

Nada podia haver de mais simples, de mais candido e de mais elegante. Era a mocidade personificada, era a distincção da menina que o sabe ser.

E pois muito fácil vestir bem quando se não quer dar nas vistas e é assim que muitas vezes a mulher se torna notada e a graça duma rapariga floresce como um lírio.

Não é preciso gastar fortunas, não é preciso ser extravagante para ser distinta e elegante, basta apenas ter gosto e saber escolher o que pode valorizar o tipo de beleza.

MARIA DE ECA.



# PÁGINAS FEMININAS



A moda



BATE-NOZ À PORTA O Outono. No primeiro de Outubro começam as veraneantes a pensar no regresso a Lisboa e as senhoras a pensar no que hão-de usar nos primeiros tempos citadinos, é preciso preparar com antecedência as «toilettes» que tanto contribuem para manter a linha de elegância, pois são as «toilettes» de meia estação as mais difíceis de organizar e as mais difíceis de usar.

Nesta época do ano recorre-se e com muito bom senso as malhas que estão tanto em moda e que tão bonito resultado dão.

Tanto em «sweaters» como em «tailleurs» a malha tem um verdadeiro successo, que o lindo aspecto que tem, todos os objectos de vestuário em malha, amplamente justifica.

Nada há de mais prático e ao mesmo tempo tão bonito, como os trajos em malha que tão bem se adaptam ao corpo e tão graciosas «toilettes» combinam, que aliam à comodidade a elegância.

Entre os modelos elegantíssimos que damos hoje há um lindo «sweater» em «tricot» que qualquer senhora pode executar, em lá verde jade. A variedade de pontas dá-lhe um encanto muito apreciável e garante-o com o maior gosto.

As «sweaters» continuam a ter a mesma voga o que bem se compreende pelas camadas que são.

Temos também um modelo de «tailleur» habilitado em quadradinhos brancos, azues e cinzentos. Saia e jaqueta curta com mangas largas. Uma blusa em «placé» branco, guarnecida com rosas da mesma sêda completa a «toilette». Um chapéu em feltro azul acompanha este cómodo traje, que luvax em «suède» azul tornam muito elegante.

Em grossa malha castanha, temos um vestidinho

que vestirá com a maior elegância qualquer menina. Saia e jaqueta muito justa, por dentro blusa em camurça, tom natural. Boné escocês em feltro, guarnecido por fita e peninhas em tom «cof de rolhe» e castanho, dum moderno e gracioso efeito. Luvax de camurça branca com alto canhão.

Para a cidade um elegantíssimo «tailleur» num tecido grosso e felpado em lá azul escuro. É um completo do maior «chic». O vestido inteiro tem o mais lindo corte e a saia tem a frente em pregas «lingerie» que lhe dão um aspecto desusado.

Sobre o vestido uma jaqueta de irreprezível corte, fechando na cintura por dois botões. Sobre as bandas do casaco assentam bandas recortadas, em pano setim branco, que dão à «toilette» uma grande originalidade e um requintado tom.

Na cabeça chapéu em feltro azul escuro guarnecido com um grosso tule no mesmo tom, luvax em camurça branca. Raposa azul, a pesardo anunciado que está o desprezo pelas peles nos vemos sempre, que logo que o tempo refresca um pouco elas aparecem sempre e têm bem marcado o seu lugar na elegância feminina.

As corridas de cavalos do Outono estão à porta e como o Estoril tem o mais delicioso clima, podem apresentar-se «toilettes» que mais tarde se aproveitam em chás ou jantares. Aqui temos uma linda «toilette» em gaze côr de marfim, sobre «taffetas» do mesmo tom. A saia de abundantíssima roda é guarnecida por exóticas flores e folhagem recortadas em setim preto e aplicadas; o mesmo motivo repete-se no corpete apanhando os ombros e os túlos das mangas. Chapéu de grande aba em setim preto guarnecido por uma faixa de fita em veludo preto. Luvax em «suède» preto e sobrinha em gaze preta.

Para a noite uma simples «toilette» para me-

nina, numa sêda última novidade, sobre fundo crème lavado, flores de vários tons de verde-lho. Duas estreitas «ruches» guarnecem a saia e repetem-se no «flichu» que forma as mangui-nhas. Um cinto de veludo vermelho ata atrás com uma longa laçada.

Este vestido dum grande novidade, resuscita certos vestidos que fizeram as delicias das meninas em fins do século XIX até 1898, e nem provar nos que nada é absolutamente novo, vem mesmo na moda que teima em querer criar coisas novas.

## A mulher na aviação

É extraordinário o avanço da mulher nestes últimos vinte anos e em tudo se manifesta a sua energia.

Amélia Earhart é um exemplo da maior coragem, e, o seu desaparecimento, que não quer dizer morte, pois é bem possível que viva ainda numa dessas pequenas ilhas que quasi são recifes e não ilhas, pôs em destaque a sua forte e enérgica individualidade. Madeline Chaumont a conhecida escritora francesa dizia há anos dela o seguinte:

«A aviação honra-se com grandes nomes femininos e nós sentimo-nos felizes de registar o de Amélia Earhart, que acaba de atravessar o Atlântico. Só, o que e para notar!»

«Eu considero sempre para a mulher, a solidão, como a mais penosa coisa. Mas também as circunstâncias deste «raid» fazem-nos considerar, porque marcam uma mentalidade diferente da nossa. Não, que as mulheres francesas não testemunhem, elas também, uma coragem a toda a prova. Mas quando uma mulher casada americana exprime a seu marido, o seu desejo de tentar este «raid», é com emoção que lemos a sua resposta:

«Vai e conseguirás, eu tenho em ti a maior confiança».

«A confiança na sua mulher, eis o que deve dar a esta a maior coragem e confiança em si própria. Eis do que sofremos em França: os homens não têm confiança nas mulheres».

«Eles não podem negar o seu valor, mas é com um certo rancor que as vêm atingir os seus fins. Em muitos países a mulher é festejada, ani-



mada, sem por isso se fazer dela uma boneca. Ao contrário, trabalhando tanto como o homem. Mas respeit-na por esse trabalho, ajudam-na, têm confiança nela e em todas as suas tentativas ela toma a peito dar as suas provas.

«Em França o homem encara a mulher que conquista um lugar, como uma inimiga ou um dentelal concorrente.

«E não entanto quantas as mulheres o fazem apenas por necessidade e necessitam de auxílio moral ainda que não seja senão para suportar a dura tarefa da vida».

Estas palavras da escritora francesa adaptam-se admiravelmente ao nosso país e a mulher que dissesse ao marido que queria fazer, só, um tão difícil «raid», não receberia o incitamento do marido de Earhart, mas naturalmente seria tratada de doida e quem sabe se internada num manicómio. Mas também o marido não viveria as tristes horas de incerteza que tem passado o marido de Amélia Earhart.

## Higiene e beleza

A vida ao ar livre destes mezes de verão, escangalha bastante a cabeleira embora haja com ela os maiores cuidados. É preciso acudir-lhe para não perder essa beleza incomparável, que é o possuir lindos cabelos. Para o conseguir eis uma receita:

Untar toda a cabeça com óleo de ricino, deixar estar esta aplicação pelo menos meia hora. Durante esse tempo, passar numa passadeira muito fina uma gema de ovo e bater-lhe numa tigela em que se tenha desfeito um terço de sabão liquido e dois terços de água quente. Pôr na cabeça este «shampoo» e lavar muito bem a cabeça, na última água deixar vinagre.

Para fazer crescer o cabelo friccionar todos os dias a raiz com uma escovinha embebida na seguinte loção: Cloridrato de quinino 1 grama, tintura de Jahorandi 20 grammas, Licor de Hoffman 80 grammas, essência de verbena algumas gotas.

No caso de haver queda de cabelo é preciso aplicar um remédio mais enérgico, eis uma boa receita: Tintura de cantaridas 5 grammas; tintura de Jahorandi 25 grammas, Alcolato de melissa 15 grammas, água de colónia 65 grammas.

É preciso não esquecer que o cabelo deve ser muito bem escovado à noite, e sendo comprido deve ser entrançado para não embarçar, e todas as manhãs se deve soltar para arejar.

## Pensamentos

O homem que foi bom filho, será bom marido e melhor pai.

Amar o próximo é fácil, mas o que é mais difícil é saber fazer-se amar por ele.



# PIM DE FESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — A.

Copas — — —

Ouros — 3, 2

Paus — A, 10, 8, 7, 6, 2

Espadas — R, 4

Copas — V, 8, 4

Ouros — V, 10, 8

Paus — D.

**O E**

**S**

Espadas — 10, 6, 3

Copas — A, D, 9

Ouros — A, R, 6

Paus — — —

Espadas — 5, 2

Copas — 10, 3

Ouros — D, 5, 4

Paus — V, 4, 4

Trunfo ouros. S. joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A, c., O — 10, c., N — V, c., E — 6, c.

S > 2, o., O — 10, o., N — 2, c., E — V, o.

N > 3, c., E tem de baldar-se a ouros ou paus.

S balda-se a 3 p. O não pode baldar-se a paus nem a copas, razão por que E devia ter-se balidado a R. p. e não a R. o.

N joga A. p. e S balda-se conforme a balda de E, e faz às duas vasas restantes.

## Festival japonês

Na ilha de Ryu-Kyu, situada ao sul das principais ilhas japonesas, celebra-se todos os anos a festa do nascimento de Buddha.

O mosteiro onde se realiza os festejos fica situado no alto da montanha e é inteiramente construído de madeira. Subindo pelos degraus talhados e pelos atalhos abruptos, centenas de camponeses vêm até àquele edifício isolado, onde, segundo se diz, Buddha teve a sua residência, em dado momento.

Os peregrinos param para se recolherem, por entre as numerosas pedras que têm gravadas sobre elas, orações. Lá no cimo são recebidos pelos monges e queimam pequenos paus de incenso aos quais cada um amarra um papelinho com um pedido escrito.

Estes fiéis são creaturas interessantes, de um tipo que ficou puro, e praticam uma fé, cujas exigências não são muito severas. Chamam-se os padres para os funerais, sobe-se até ao mosteiro por ocasião das grandes festas, mas o resto do tempo concorda-se em que não é possível escalar muito a miúdo a montanha.

As ilhas Ryu-Kyu foram completamente independentes até 1865, data em que o seu soberano as cedeu ao Mikado e foi viver para Tokio como simples cidadão.

Estas cinquenta e cinco pequeninas ilhas, são de formação vulcânica e o solo é muito fértil. Por isso os cultivadores são ali mais numerosos do que os operários industriais, ao contrário do que sucede no resto do Japão.

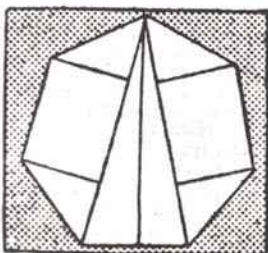
## Aniversários de casamento

São curiosos os vários nomes com que a tradição em França, designa muitos dos aniversários de casamentos, além dos já nossos conhecidos, de Bodas de prata, de ouro e de diamante. Ei-los:

1.º aniversário — Bodas de algodão; 2.º — Bodas de papel; 3.º — Bodas de couro; 6.º — Bodas de madeira; 7.º — Bodas de lã; 10.º — Bodas de estanho; 12.º — Bodas de seda; 15.º — Bodas de cristal; 20.º — Bodas de porcelana; 25.º — Bodas de prata; 30.º — Bodas de perolas; 40.º — Bodas de rubis; 50.º — Bodas de ouro; 60.º ou 70.º, segundo as tradições — Bodas de diamante. Há ainda as Bodas de rádio para o 75.º aniversário de casamento, mas essas para chegar a realisá-las precisa, geralmente, ser-se centenário.

## Paciência geométrica

(Solução)



Por alturas do ano de 1652 era tão grande o número de lobos que havia em Portugal, e tão consideráveis os prejuízos que eles faziam nas criações, sobretudo nas cavaleiras, que por ordem do Rei foram mandados procurar todos aqueles caçadores que apresentassem peles de lobos porque, segundo um documento oficial da época, era esta a causa de «não multiplicar mais a cavalaria, como se esperava das ordens dadas, para prevenir a defesa do reino».

O bambú, que cresce tão abundantemente em todas as partes dos trópicos, é uma planta gramínea, cujas hastes tomam um grande desenvolvimento, alcançando 18 e 20 metros.

O bambú da China difere do bambú da Índia, por ter os nós salientes e ramos em todo o seu comprimento; este último tem geralmente, uma superfície lisa até 9 metros e mais do solo, razão porque a madeira que não apresenta nós tem grande importância.

A vida é uma estrada direita, cuidado com os atalhos, que levam em geral depressa, para a desgraça.

## Palavras cruzadas

(Solução)

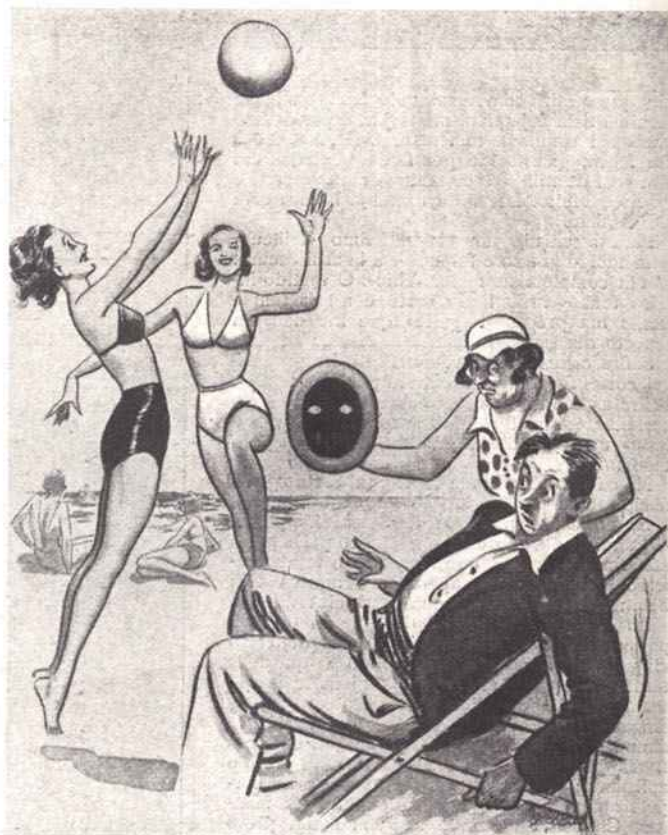
A	U	R	A	■	■	■	B	O	T	O
T	■	I	M	O	■	R	O	L	■	L
A	L	T	O	■	B	■	A	G	U	A
■	A	O	■	L	O	T	■	A	R	■
A	R	■	L	A	I	A	S	■	O	S
I	■	D	I	Ç	■	R	O	L	■	O
■	L	E	S	O	■	A	L	A	R	■
A	■	■	■	■	■	■	■	■	■	J
I	M	A	N	■	M	■	C	A	J	U
D	A	D	■	M	E	A	■	L	O	T
A	S	■	L	E	S	T	O	■	B	A

## Três quadrados

(Passatempo)

Com quatro linhas rectas de igual comprimento e outras quatro linhas rectas com metade desse comprimento constroem-se três quadrados absolutamente iguais.

A arte de colher e trabalhar a seda, parece ter-nos vindo da Índia, pela Persia, Ásia Menor, Grécia, Espanha, Nápoles, Veneza e França. A nossa indústria de seda teve desde o início um grande influxo francês. É natural que as primeiras máquinas importadas em Portugal tivessem sem sido os célebres moínhos do Piemonte descritos com tanta minúcia pelos enciclopedistas do século XVIII. No Conservatório das Artes e Offícios de Paris ve-se um destes aparelhos, modificado por Vaucanson para poder torcer a seda e que data desde de 1760.



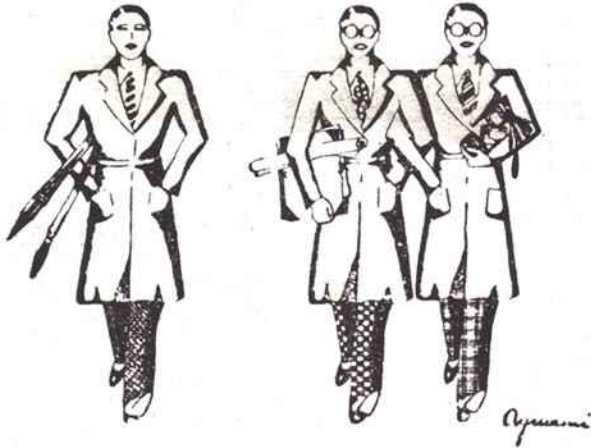
A esposa ofendida: — Ah! com que então é isto, não é? A fingir que dorme com o chapéu por cima da cara e afinal com os olhos bem abertos, a ver tudo por estes buracos!

(De London Opinion.)



GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**  
2 1368 **IRMÃOS, L.** DA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

**MIRADOURO**

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. — Mariquinhas — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes — Gira — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . 12\$00 enc. . . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**PAULINO FERREIRA**

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

**À venda**

SAMUEL MAIA

**ÊSTE MUNDO  
E O OUTRO**

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juízo final

1 volume de 298 págs., brochado . . . **12\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

**Estoril-Termas**

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

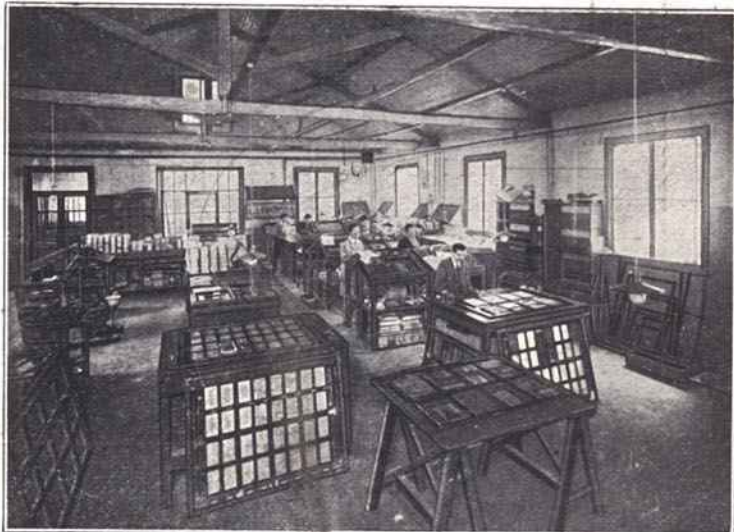
**FISIOTERAPIA**, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, **DIATERMIA**  
e Maçagens. — — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12





Oficina de composição

# IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

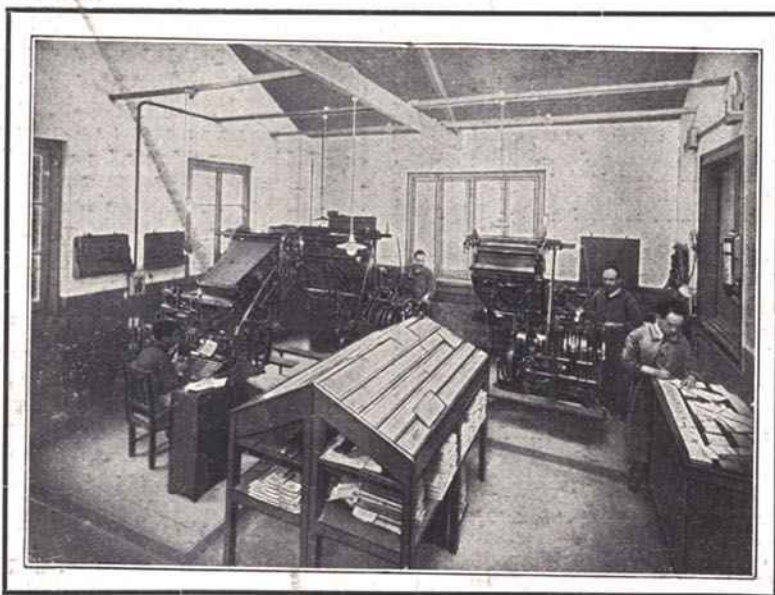


LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS  
COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL  
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



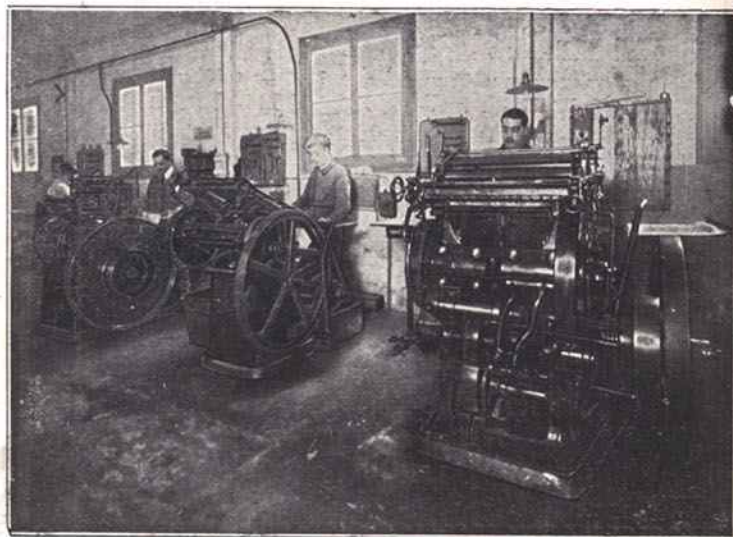
Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque  
Bertrand

e  
História  
da  
Literatura



Oficina de impressão



# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado **10\$00**

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.  
5 — 2.ª parte — **O deserto de gélo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.  
**Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.  
10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.  
11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.  
**Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.  
13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.  
**A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.  
15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.  
16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.  
**Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.  
18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.  
**O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.  
20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.  
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.  
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.  
24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.  
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.  
27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.  
32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.  
**A jangada**, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.  
34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.  
**As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.  
36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.  
37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.  
38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.  
39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.  
40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O ralo verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.  
44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.  
**Matias Sandorff**:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.  
48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.  
49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.  
54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.  
57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.  
**Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.  
59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 6 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.  
**Cesar Cabanel**:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.  
62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.  
**A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.  
64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.  
65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.  
66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.  
**A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.  
68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.  
69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Hígino de Mendonça. 1 vol.  
**A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.  
71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.  
72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.  
74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.  
75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.  
76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.  
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.  
78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.  
79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.  
80 — **A Aldeia Aéria**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de  
**Albino Forjaz de Sampaio**  
da Academia das Ciências de Lisboa

**ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA**  
para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Boteiro da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas, Esc. 10\$00**

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett—LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
—(1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X.—(5.ª edição)—O que eu lhe disse das mulheres—O que lhe disse da arte—O que eu lhe disse da guerra—O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM—(5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSAO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELAS E ELAS—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO—(1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA—(1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES—(6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR—(Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPRITO—(Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA—(Conferência), 1 fol. ....	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00

POESIA

NADA—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO—(2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA—(3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A)—(2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS—(27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA—(5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOAO TENÓRIO—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA—(3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA—(6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023—(3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR—(5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS—(3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO—(5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE—(3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO—(10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A)—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA—(4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**



ACABA DE APARECER O

# ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

*Unico no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses  
e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade  
nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tôdas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras  
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

---

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA